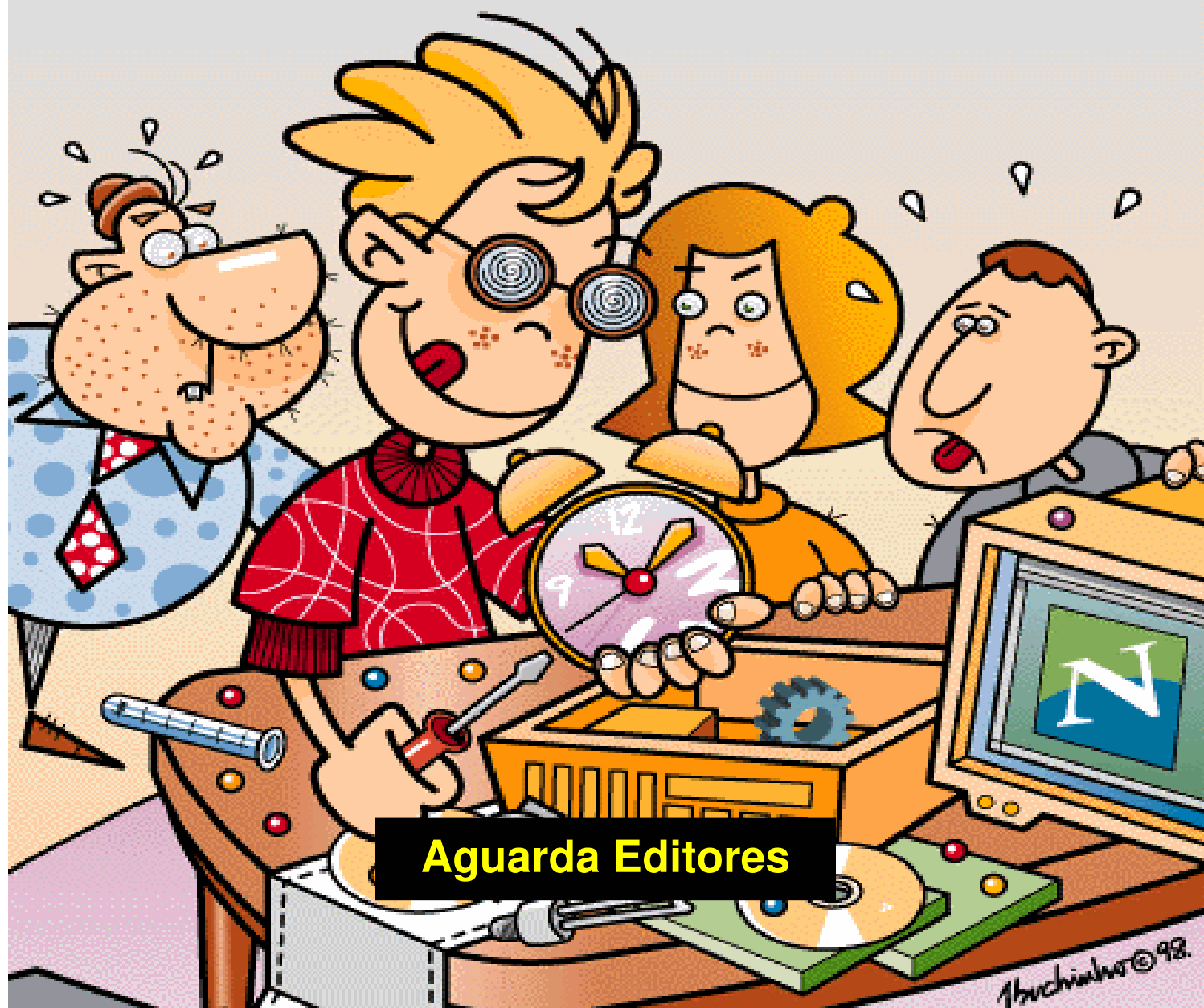


Carlos Medina Ribeiro

O Clube dos Inventores

3ª Edição
Agosto de 2005



Aguarda Editores

Archiuno © 98

Capa: Paulo Buchinho

NOTA:

Esta obra está devidamente registada na Inspeção-geral das
Actividades Culturais:

Processo: 311/02 (24 de Maio 2002)

Ref^a : 1603/DRCAC/IGAC

No entanto, desde que tal não seja feito com fins comerciais, a sua
reprodução e divulgação (no todo ou em parte e por qualquer
meio) estão autorizadas e até são encorajadas!

O Autor,

Carlos Medina Ribeiro

ÍNDICE

CAPÍTULOS

TÍTULOS

	INTRODUÇÃO e Nota à presente edição
1	O ESTRANHO CASO DO "H" DESAPARECIDO
2	O CLUBE DOS INVENTORES
3	AS INSTALAÇÕES SECRETAS
4	O INÍCIO DAS ACTIVIDADES
5	O ESTRANHO CASO DO CORONEL CANHOTO
6	O CHICO POUCA-TOLA
7	A CADEIRA DE RODAS
8	CONVERSA FIADA
9	FOLHAS VERDES
10	AS LIÇÕES DE INGLÊS
11	PUXA!!
12	UM AVÔ INESPERADO
13	O GRANDE BENFIQUISTA
14	A MÁQUINA DE GANHAR SEMPRE
15	NEGÓCIO DA CHINA
16	A GRANDE IDEIA DO OLIVEIRA
17	A GRANDE MÁQUINA
18	A GRANDE LIÇÃO
19	A MÁQUINA ESPECIAL
20	PERDIDOS E ACHADOS ARRISCADOS
21	O PARQUÍMETRO
22	O SIGNO DA BALANÇA
23	O GRANDE PONTO!

24	O AUTOMATISMO
25	OS COMPRIMIDOS DO CHICO
26	QUE REMÉDIO!
27	É DE MORTE!
28	UMA DATA DE PROBLEMAS!

INTRODUÇÃO

Se há coisa que, num livro, quase ninguém lê... é o PREFÁCIO!

Por isso este NÃO TEM PREFÁCIO – tem uma INTRODUÇÃO.

Pois é... além do mais, este livro esteve quase para não existir. E, se aqui está, à Internet o deve.

E explico porquê:

Escrever para jovens é muito difícil. E é tão difícil que eu já tinha decidido só escrever para graúdos.

De facto, neste livro...

...não há bandidos nem heróis; falta um cão, um gato ou um papagaio; uma namorada para a personagem principal; e devia haver um mistério do princípio ao fim.

Além disso, ao Malaquias...

...as coisas correm muitas vezes mal, e não é isso que se espera encontrar num livro para crianças.

Pelo menos tais foram as opiniões dos dois editores¹ a quem foi proposta a edição em papel.

Assim sendo, e visto que assim é, aqui estamos, neste ambiente privilegiado que dispensa a celulose², e onde nos poderemos dar ao luxo de, quando nos *der na bolha* (ao autor ou aos leitores) tirar histórias, meter outras, alterá-las...

Enfim... podemos transformar esta espécie de rascunho num livro como deve ser.

A experiência é capaz de ter graça... Vamos tentar?

Carlos Medina Ribeiro

medina_ribeiro@netcabo.pt

Nota à presente edição

¹ Fez-se-lhes a vontade num outro livro, intitulado «Operação JEREMIAS», disponível gratuitamente em <http://www.janelanaweb.com/humormedina>. Nele, em vez de um mistério há muitos. E, além disso, arranjou-se um gato que adora o «Diário da República» e um cão com pulgas.

² Esta observação refere-se à versão Internet do livro.

Algumas histórias deste livro estão um pouco (??) desactualizadas:
Foram escritas em 1998³, numa altura em que Macau ainda estava sob administração portuguesa, o Benfica estava a passar um mau bocado, havia poucos telemóveis, etc., etc.

Mas achei por bem deixar o livro assim, pois esses assuntos até podem ser um bom motivo de conversa, não acham?

Ah! E antes que me esqueça:

MUITAS outras histórias estão disponíveis na Internet, no endereço www.janelanaweb.com/humormedina e em www.jeremias.com.pt.

Lá encontrarão mais aventuras do genial Oliveira, e ainda poderão conhecer o Jeremias, o Dr. Tinoco, a D. Mariquita, o Coronel Reboredo, o Engenheiro Estultício, o Januário, o Salvador, a D. Rosa, a Ana Crónica, o Serapião...

Depois escrevam-me, a dizer o que acharam. Prometo responder a todos!

Um GRANDE abraço

do M. R.

Agosto 2005

³ Em 2001 acrescentaram-se as histórias 25 a 28

O ESTRANHO CASO DO "H" DESAPARECIDO

Relatório secreto do que aconteceu ao sócio Malaquias no dia em que estava de serviço às Urgências e Emergências.

*

Estava eu aqui muito sossegado e sem nada que fazer quando telefonou o Doutor Andorinhas, da empresa Mykro-Makro, por causa de um problema estranho:

Tinha desaparecido a letra "H" da casa de banho dos homens!

Bem... talvez ela se tivesse simplesmente perdido. Mas, de qualquer forma, era preciso resolver o caso, e como ele achou que isso era uma tarefa digna do «Clube dos Inventores» não perdeu tempo a telefonar-nos.

Dado que nessa altura era eu que estava de serviço, lá fui, para ver o que se podia fazer.

*

O Dr. Andorinhas começou por me receber muito bem, mas também não me escondeu a sua preocupação:

— Foi sabotagem, Malaquias! Estou certo de que foi sabotagem! - Queixou-se-me, desalentado, o doutor — E logo na véspera do Grande Congresso é que alguém foi roubar a letra que identificava a casa de banho dos homens! Sem dúvida que foi obra do Engenheiro Milhafre, o meu pior inimigo!

E concluiu:

— Malaquias, se não fizeres nada, vai ser o caos nas nossas casas de banho! A minha empresa vai cobrir-se de ridículo e eu estou perdido! Vai ser o fim da minha carreira!

Mas eu nada lhe podia prometer. Por isso, limitei-me a dizer-lhe:

— Ó Doutor, vamos lá ver o que é que se pode fazer...

Sem dizer mais nada, pegou-me gentilmente pelo braço e levou-me, através de infundáveis escadarias e corredores, ao armazém subterrâneo, na cave Nº 5, onde se guardavam as ferramentas e as sobras mais incríveis que possam imaginar.

Deu-me para a mão um pesado caixote de madeira (onde estava uma grande quantidade de letras avulso) e comentou apenas, desalentado:

— Nem um único, Malaquias! Já estive a ver. Nem um único "H"!

E, dizendo que confiava plenamente em mim, foi-se embora deixando-me sozinho e *com o problema nas mãos...*

*

Como é evidente – senão, decerto, ele não teria pedido a nossa ajuda... - ali não se encontrava nenhum "H". Havia, no entanto, muitas outras letras, e algumas até repetidas.

E foi assim que dei por mim de roda do alfabeto incompleto na esperança de encontrar uma solução engenhosa...

*

Já agora, não quero deixar de referir uma coisa extremamente divertida:
Já pensaram que quem inventou o *alfabeto* foi um *analfabeto*?!

*

Mas continuando:

Por mais que pensasse... que pensasse... o meu cérebro parecia que tinha entupido: nada!

Tive então de me socorrer do meu *grau adicional de imaginação* (que guardo para as grandes dificuldades) e resolvi confiar na inteligência dos utilizadores das casas de banho...

*

Pensei usar um "C", de "Cavalheiros". Mas não havia nenhum. Nenhum "C", entenda-se...

Depois, pensei usar um "M", com o significado de "Masculino", e até havia vários, mas podia confundir-se com "Mulheres".

Ainda pensei, (mas claro que não era a sério!) em "G", de "Gajos", mas também pensei, dentro do mesmo espírito de brincadeira, que o feminino da palavra, tendo a mesma inicial, iria dar grandes confusões...

— Eureka! - Gritei eu por fim – vou meter um "S", que é a abreviatura de "Senhores"!

Estão a ver o sarilho que arranjei?!>

Este Relatório foi REPROVADO em Reunião Geral Especial do «Clube dos Inventores».

Deverá ser arquivado no D.S.C.E. (o *Dossier* Secreto dos Casos Estúpidos).

O CLUBE DOS INVENTORES

O que acabaram de ler foi um dos muitos relatórios das actividades do «Clube dos Inventores», estranha associação semi-secreta que iremos conhecer no decurso deste livro.

Mas eu, apesar de ter sido escolhido para cronista oficial dessa Organização, não vos vou maçar - pelo menos para já - com grandes explicações, pois vamos ter muito tempo para conhecer - e bem! - Esta estranha Sociedade quase secreta.

No entanto, sempre vos adianto o seguinte:

Funciona invariavelmente das 13h de Sexta-feira até Domingo à noite, e tem a sede nas traseiras da loja de um tal Sr. Oliveira, simpático comerciante de material eléctrico, electrónico e bugingangas diversas.

Ora este cavalheiro – gorducho, bonacheirão e um pouco preguiçoso - tem visto ultimamente o seu negócio a piorar a cada dia que passa, mas recusa-se a reconhecer que isso acontece devido à sua preguiça de se actualizar e modernizar.

E foi precisamente pelo facto de ter cada vez menos clientes que ele passou a sair da loja ao fim da manhã de Sexta-feira.

«Vou repousar do descanso» – diz ele quando fecha a porta com um suspiro fatigado.

E, verdade se diga, que se a fechasse no dia anterior (ou até se nem sequer abrisse a loja) também não notaria muita diferença no andamento dos negócios.

Ora o que é certo – e havemos de ver isso muitas vezes - a desgraça de uns pode ser a sorte de outros, e quem aproveitou a situação foram os seus três sobrinhos: o Malaquias a Rita e o Chico Pouca-Tola (todos eles jovens de 15 anos que viremos a conhecer mais em pormenor).

Mas calma, que já lá vamos.

Suponho que não é muito importante estar agora a contar-vos se eles usam óculos ou não usam, onde estudam ou não estudam, onde moram ou deixam de morar...

O importante é saberem que o Malaquias, assim que soube que a loja do tio estava livre durante dois dias e meio por semana, pediu logo para a ocuparem!

Vocês, se tivessem a sorte dele, faziam o mesmo.

Querem ver porquê?

*

Ao fundo, por detrás do balcão (onde o Oliveira atende os clientes cada vez mais raros) ficam as prateleiras dos materiais eléctricos, electrónicos e electro-mecânicos.

Em inúmeras caixas, caixinhas, gavetas e gavetinhas guardam-se porcas, parafusos, fichas, pilhas, lâmpadas, fusíveis, microfones... eu sei lá! E também uma infinidade de coisas avariadas que ele se recusa a deitar fora para um dia reparar ou simplesmente aproveitar as peças boas.

Ainda um pouco mais atrás está uma secretária, sempre atafalhada de papéis, novos e velhos (uns úteis, mas a maioria inúteis).

(Quando digo *uma secretária* é no sentido de *uma mesa*... e não no sentido de *uma Senhora Secretária*, é claro).

Depois, há uma porta por onde se acede à oficina:

E lá se encontra uma bancada com um torno e um berbequim eléctrico, tendo na frente um painel com chaves de parafusos, alicates, serrotes, limas, ferros de soldar, martelos... enfim: tudo o que o Oliveira gosta, de facto, de usar.

— Agora a malta nova nem sabe pregar um prego! É só computadores, só Internet...

Aqui para nós... às vezes chego a pensar que ele tem alguma razão, embora o motivo que o leva a estar com essa conversa toda seja apenas esconder a incapacidade que tem de usar essas coisas.

Mas a rapaziada do Clube não sofre desses problemas de "não saber pregar um prego". É coisa que todos fazem, e na perfeição.

Como já começaram a ver pela primeira história esse à-vontade com as tecnologias velhas e novas é a *chave secreta* do sucesso da Organização!

*

Ah! Mas estávamos a falar das instalações:

Há também um telefax. Oliveira continua a recusar-se a usar o correio electrónico, preferindo gastar um dinheirão só para não ter que aderir a *essa modernice* (como ele diz, em tom de desprezo, quando se refere à Internet). Digamos que exerce *o seu direito... à burrice*.

Existe também uma fotocopiadora quase a desfazer-se, além de todo o equipamento habitual que é necessário para quem tem loja aberta.

E aí acaba a parte do estabelecimento propriamente dito.

Mas há mais! Aliás, precisamente a parte melhor e mais interessante está

O Clube dos Inventores

por detrás de uma velha e pesada porta de ferro que em geral só se abre à 1h da tarde das Sextas-feiras: o pequeno terraço e o acesso à cave secreta do «Clube dos Inventores»!

AS INSTALAÇÕES SECRETAS

Oliveira cedera, de bom grado, essa parte da loja em troca de uma coisa muito simples:

A *Juventude* – como ele gostava de apelidar os três sócios do Clube - comprometia-se a fechar sempre muito bem a porta (pois já por várias vezes a ladroagem entrara por ali quando ele se esquecera de tomar esse cuidado).

E, à parte isso, desde que não incomodassem a vizinhança nem pegassem fogo ao prédio, ele deixava-os fazer tudo e mais alguma coisa.

— Gosto de confiar nas pessoas! - Dizia ele muita vez, apesar de também já ter passado por muitos dissabores devido a esse excesso de confiança.

O que é certo é que a tal *Juventude* nunca lhe deu qualquer problema, antes pelo contrário, como veremos!

Como ia dizendo, esse tal terraço (ou pátio, como lhe quiserem chamar) tem uma boa dezena de metros quadrados, e o único inconveniente que tinha no início era que chovia lá dentro por ser a céu aberto.

Um telhado em chapa ondulada (comprada num ferro-velho) resolveu esse problema. Depois, umas dúzias de tijolos oferecidos pelo tal Dr. Andorinhas fizeram o resto:

Mesmo sem usar cimento (colocando os tijolos simplesmente uns em cima dos outros e usando tábuas e caixotes) os nossos amigos fizeram autênticas maravilhas:

Mesas, cadeiras, estantes, arcas, bancadas de trabalho e mesas para projectos secretos... tudo aparece sempre feito, desfeito e alterado em menos de um instante usando esses processos simples, quer no telheiro do pátio quer na misteriosa cave.

*

Ora vejam só um exemplo de como o Clube evolui:

Lembram-se que vos contei que o Malaquias ficou espantado com as sobras e sucatas que viu no armazém da Mykro-Makro?

Pois um dia, após um outro serviço que lá prestou, o tal Dr. Andorinhas perguntou-lhe o que é que ele queria em troca.

— Se pudesse ser, gostava que me oferecesse o *Spectrum*⁴ avariado que está na arrecadação. Deve ser fácil de compor, e sempre dávamos utilização ao televisor velho que lá temos.

⁴ Modelo do primeiro computador popular e de uso individual em larga escala. Lançado nos anos 80, usava-se associado a um vulgar televisor.

O Clube dos Inventores

E tem sido assim que, umas vezes umas tábuas... outras vezes uns tijolos... outras ainda um computador velho, vão enriquecendo o Clube e propiciando novas e mais incríveis invenções e aventuras!

*

E vejo agora que quase nem vos falei da cave secreta!

A ela acede-se abrindo um pesado alçapão de ferro, de forma quadrada, e que passa despercebido porque as pessoas julgam que é uma simples tampa de esgoto!

Depois, é claro, há a inevitável escada de madeira negra, escorregadia e em muito mau estado, as paredes húmidas, os antiquíssimos tijolos à vista, os armários em madeira muito grossa, o cofre dos grandes segredos, a arca das ferramentas especiais...

Ah! E os três sofás mágicos (que nunca percebi muito bem como é que para lá entraram!) sempre associados à gigantesca *Lâmpada das Ideias Luminosas* que vamos conhecer de perto!

Mas lá iremos. Esta cave ainda vai dar muito que falar pois - como já perceberam - é lá que se guardam as coisas mais confidenciais e preciosas e é também onde se fazem as reuniões mais secretas do Clube!

O INÍCIO DAS ACTIVIDADES

Sendo este livro uma espécie de Crónica eu deveria ter começado pelo princípio.

Mas o que é certo é que as coisas interessantes que há para vos contar são tantas, tantas... que por vezes vocês vão ter de desculpar a falta de ordem na narrativa.

Vão ver que é bem verdade o ditado que diz que «as conversas são como as cerejas»: pega-se numa e vêm muitas outras agarradas.

O que quer dizer que os meus leitores vão precisar de ter o cérebro bem “oleado” e preparado: Posso começar a falar de uma coisa qualquer, e se me vier à lembrança uma outra mais interessante, a história pode ter de fazer um grande desvio antes de voltar ao assunto inicial.

*

Mas continuemos, pois já se estava a passar EXACTAMENTE esse problema do desvio da narrativa!

*

Ao princípio, só o Malaquias e a Rita é que constituíam a equipa do «Clube dos Inventores».

Claro que, a seu tempo, vos darei mais pormenores sobre ambos. Por agora, basta que se diga que são irmãos gémeos.

O que quer dizer que, pelo menos no que toca a idades... têm *sensivelmente* a mesma.

Já estou mesmo a ouvir quem diga:

«*Sensivelmente?! Se são gémeos, a idade é a mesma!*»

Nada disso.

Há, pelo menos, uma diferença de minutos, mas o mistério de qual dos dois é *esses minutos* mais velho é um assunto que, só por si, podia dar origem a alguns capítulos...

*

Pois foram eles que se lembraram de formar o Clube, a que mais tarde veio a aderir o primo Chico.

Verdade se diga que não fazem só inventos, embora a ideia inicial tivesse sido essa.

Passaram a ser – como direi? - *Resolvedores de problemas diversos*, mas esse nome era tão feio que resolveram manter o de «Clube dos Inventores» que, por sinal, em breve ganhou justa fama!

O Clube dos Inventores

Mas, desde que lhes apareceu o *coronel canhoto*, eles tiveram de diversificar as actividades.

*

E pronto... Já me meti noutra sarilho!

Agora vocês vão querer saber *a incrível história do coronel canhoto* e lá vou eu, de novo, *perder o fio à meada!*

Mas vai ter de ser, pois acho que vale a pena.

Vou transcrever directamente o relatório que o Malaquias fez para a Associação Internacional dos Jovens Abelhudos (se a tradução do inglês me não engana) e que esteve, durante algum tempo, disponível na Internet.

Então lá vai:

O ESTRANHO CASO DO CORONEL CANHOTO

A pouco e pouco foi-se espalhando a fama do Clube.

Malaquias encheu-se de vaidade e, mesmo contra a opinião da Rita, colocou uma tabuleta na porta, com a ideia de que ela poderia ficar afixada durante aqueles dois dias e meio em que as instalações do tio estavam só por conta deles:

= FAZEM-SE INVENTOS A PEDIDO =

O que ele foi fazer!

Apanharam fama de malucos e, durante algum tempo, foram o *bombo da festa* das pessoas lá da rua, que lhes fizeram a vida negra de tanto troçarem!

Mas muitos deles ainda acabaram por vir a precisar dos serviços do Clube... Vocês vão ver!

Ora leiam o relatório seguinte, que vale a pena.

*

Relatório confidencial, feito pelo sócio Malaquias, do que lhe aconteceu no início das actividades do «Clube dos Inventores»:

*

Quando se exerce a actividade de inventor, a gente nunca sabe quando é que um cliente vem para nos pedir uma coisa a sério ou simplesmente gozar connosco...

Agora veja-se a minha cara quando me apareceu um senhor muito respeitável (dizia ele que era coronel reformado) e que, ao fim de meia hora, me confidenciou em voz baixa que era canhoto e precisava de auxílio!

*

Nota particular:

Fiquei feliz e chamei logo a Rita para me ajudar a receber o senhor.

E também para ela ver como o meu cartaz começava a dar resultado, contrariamente à sua opinião!

*

Ajudar canhotos! Como é que nós não tínhamos pensado nisso?!

De facto, os canhotos devem sofrer bastante com tudo o que hoje em dia é fabricado apenas para os outros, ignorando as necessidades dessa imensa

O Clube dos Inventores

minoria!

E foi assim que, conversa puxa conversa... ideia puxa ideia... acabámos por entrar num negócio com o cavalheiro:

Ele dava o dinheiro e nós dávamos o nosso engenho:

Íamos inventar (e depois produzir em grande quantidade) inúmeros objectos para pessoas como ele!

Começámos logo a imaginar onde é que íamos instalar a fábrica, e uma das hipóteses era o terreno que o tio tem para os lados de Sintra.

Mas já vão ver que não foi preciso...

O problema é que o homem fez-nos uma primeira pequena encomenda (dizia que era para ele usar) e foi-se embora, prometendo voltar em breve, o que, até hoje, não aconteceu.

De facto devia estar a gozar connosco!

Ah, querem saber o que ele nos pediu?! Não, não eram lápis nem facas para canhotos... Pediu-nos para inventar... chávenas com a asa no lado esquerdo!

Este Relatório foi APROVADO em Reunião-geral do Clube.

Será arquivado no D.C.E. (Dossier dos Casos Estranhos) e que ainda aguardam resolução.

O CHICO POUCA-TOLA

Nota importante:

A palavra "tola" deve ler-se como se tivesse acento na letra "O".

O "O" deve soar como nas palavras "bola" e "cachola".

*

Como cronista do «Clube dos Inventores» vou ter de referir uma personagem curiosa que um belo dia também entrou para o Clube:

Trata-se do primo Chico, por alcunha *O Pouca-Tola*, devido à sua inteligência - no mínimo - *estranha*.

Ninguém sabe porquê, mas demora *tanto tempo* a perceber as coisas que às vezes as pessoas até desconfiam da sua capacidade mental!

Eu acho que tem mais a ver com o facto de ser muito distraído:

O cérebro dele anda sempre nas nuvens...

Já quando se passou a história do tal "H" que faltava (e o Malaquias lhe disse que tinha arranjado um grande sarilho por ter posto um "S" na casa de banho dos homens pretendendo indicar *Senhores*), ele comentou, sem perceber nada:

— Qual é o mal?! Então a palavra *senhores* não começa também por um "S"?!

Depois, vendo o disparate que tinha dito, fartou-se de rir:

— Claro... Sim... já estou a perceber... A casa de banho das Senhoras também tinha a mesma inicial... Ó Malaquias! Tu és burro! Então não vias logo isso?!

*

Pois desta vez, quando o relatório acerca do coronel canhoto foi lido na Assembleia-geral do «Clube dos Inventores», ele também teve uma saída infeliz:

— Olha lá, ó Malaquias! E porque é que achas que o homem estava a gozar connosco?! Se ele é canhoto, é natural que precise de chávenas com a pega para a esquerda!

Depois, vendo que os outros dois estavam a olhar para ele com uma cara estranha e contendo o riso, caiu em si e comentou, envergonhado:

— Ah, pois... não liguem ao que eu disse... esqueçam... esqueçam...

A CADEIRA DE RODAS

Acontecia, com frequência, que não havia nada de especial para fazer.

E nesses dias era preciso *sair para o terreno* - como dizia a Rita.

Pois acho que vão gostar de saber o que se passou por alturas do Natal.

Bem, a época do ano não teve nada a ver com a história, embora a ideia geral de *Paz e Amor* (e porque é que só nessa quadra se fala tanto disso?!) até possa estar relacionada.

*

Ora acontece que ali perto da loja do Oliveira a altura do passeio é muito grande. E os nossos amigos tinham reparado que havia algumas pessoas a quem isso fazia muita diferença.

Resolveram então, com o cimento e a areia que tinham sobrado dos tempos em que se tinham feito obras na loja, construir uma pequena rampa.

Agora veja-se qual não foi a alegria deles quando viram o Professor Moscatel, de cadeira de rodas, a utilizar a rampa que tinham acabado de fazer dias antes!

— Então, Senhor Professor? - Perguntou o Malaquias todo contente - que tal a rampazinha que nós fizemos? Veio mesmo a calhar para si, não veio?

E sabem qual foi a resposta?!

— Ah, seus safados! – Berrou ele, brandindo uma terrível muleta de alumínio - Então foram vocês que fizeram a porcaria da rampa em que eu escorreguei e parti a perna!

*

Só o Chico Pouca-Tola é que, antes de fugir dali a sete pés, ficou um bom bocado a olhar (ora para ele, ora para a rampa) com cara de parvo...

CONVERSA FIADA

Durante a semana o Oliveira recebe inúmeros amigos.

Em geral são pessoas que tinham começado por ser seus clientes, muito simplesmente.

E ele transforma muito depressa os clientes em amigos porque a maneira como os trata deve ser única em todo o mundo!

É, por exemplo, assim:

Entra um freguês e pede:

— Quero uma resistência de 509 Ohm, de 2 Watt.

O Oliveira não responde logo...

Depois de o fazer esperar uns bons vinte minutos, vira-se para ele e é bem capaz de se sair com esta:

— Antes de mais, muito bom dia, que é um bom começo de conversa. E agora vamos lá a ver: para que é que você quer uma resistência dessas, de valor tão esquisito?!

O freguês, se não conhece o Oliveira, fica muito atrapalhado com essa maneira de ser atendido...

Sim, porque se ele não tem o produto, também não tem nada que estar para ali a fazer considerações do género *para que é que você precisa disso?*

Mas a confusão em breve dá lugar a uma conversa muito interessante, pois o nosso amigo Oliveira olha fixamente o freguês nos olhos, como se fosse um polícia a interrogar um suspeito, e só lhe falta dizer:

— Seu criminoso! Confessa lá para que é que queres uma resistência de 509 Ohm!

— Era para fazer um alarme para o carro – responde o outro, quase a medo...

E a conversa continua:

— Ah! Você viu isso na «Revista dos Alarmistas»? Esses idiotas não percebem nada de alarmes! Todos os que a compraram foram vítimas de uma gralha tipográfica! A resistência é de 500 Ohm; além de que 1 Watt chega perfeitamente e é metade do preço!

Depois é capaz de começar a dissertar sobre os mil-e-um alarmes cujas vantagens e inconvenientes conhece como os seus dedos, e o cliente, às tantas, já nem sabe o que é que foi fazer à loja!

Mas o mais divertido é que as pessoas que vão entrando metem-se na conversa... e a certa altura a manhã passou, está na hora de fechar a loja para

O Clube dos Inventores

almoço, e nem sequer a resistência de 500 Ohm foi vendida!

E ainda pior! (Vejam lá como é que o Oliveira pode fazer bons negócios...)

Se acontecesse uma coisa dessas, ele era capaz de se virar para a assistência (sim, porque aquilo já não eram clientes... eram espectadores!) e dizer-lhes:

— Esta manhã foi muito interessante. Agora vamos todos almoçar ali ao café... Pago eu!

FOLHAS VERDES

«**M**as nem sempre a vida me correu mal... Saía de um emprego, arranjava logo outro... Na firma a seguir, estive lá 6 meses. Sim, claro que também fui despedido dessa...»

*

Esta estranha conversa tem de ser explicada com algum cuidado e tempo.

Quem falava assim era o Sr. Luís, que, como já vinha sendo hábito, aparecia todas as segundas-feiras de manhã lá na loja e desatava a contar as aventuras da sua vida.

Mas fazia-o sempre com uma boa-disposição de fazer inveja a muita gente, pois ele sabia, como ninguém, ver o lado bom das coisas, e era especialista em tirar partido das situações mais difíceis!

Se ele fosse mais novo bem que podia fazer um figurão no «Clube dos Inventores»!

E, por sinal, até deu uma mãozinha por diversas ocasiões, como aconteceu daquela vez em que o chão da oficina abateu expondo um subterrâneo que tinha ligação com...

Mas lá ia eu, outra vez, a desviar-me da conversa!

Aliás, eu só queria era ter tempo para vos contar tudo o que tenho na memória!

*

Ora bem... O que se passava era então o seguinte:

Como se imagina, os nossos amigos do Clube assistiam inúmeras vezes a conversas destas, pois eles, sempre que podiam, estavam lá caídos na loja, mesmo que o «Clube dos Inventores» só funcionasse em pleno ao fim da semana.

Voltemos, então, à estranha conversa do Sr. Luís, que nesse dia estava a contar mais um dos seus inúmeros despedimentos!

*

«No jardim da empresa em que eu trabalhava havia uma cerca de madeira que nunca tinha sido acabada de pintar. Aquilo tinha uma trepadeira a crescer por ali acima, muito verdinha, e ficava muito mal ver por trás a madeira amarelada.

E foi assim que um dia acabei o trabalho que o outro deixara a meio e pinte a cerca de verde.

Até aqui tudo bem, e até fui louvado por ter tanta iniciativa.

O Clube dos Inventores

Isto passou-se na Primavera, não sei se já vos disse.

Mas, seis meses depois, aconteceu o contrário:

Veio o Outono e o raio da planta começou a amarelecer toda. Além da tristeza, agora dava-se o oposto:

As folhas estavam todas amarelas e a cerca toda verde. Tudo, outra vez, muito feio.

E foi nessa altura que me lembrei de que ainda tinha sobrado meia lata de tinta verde e...»

*

Não foi preciso acabar.

As gargalhadas dos presentes remataram aquela história.

Só o Chico Pouca-Tola, que tinha acompanhado tudo com um ar muito atento, perguntou:

— Qual é a graça? A tinta na lata não estava seca ao fim desses seis meses? Ah! Já percebi! O senhor pintou as folhas...

AS LIÇÕES DE INGLÊS

Um belo dia os nossos amigos receberam uma estranha proposta:

Dar aulas de inglês ao Sr. Luís!

E ele explicava porque é que precisava disso:

*

- **Q**uando eu era garoto, a língua que se estudava mais era o francês... Depois, por volta dos anos 60, com a música *pop*, os Beatles, etc., o inglês começou a ter muito mais força. E agora ainda tem mais, pois com os computadores, a Internet... Enfim... hoje em dia, quem não sabe inglês é como se fosse analfabeto. Vocês não acham?

E foi assim que os nossos amigos acederam a ensinar ao Sr. Luís o pouco que sabiam.

Mas, como já perceberam, ele é uma pessoa tremendamente engenhosa, sabe sempre alterar as situações a seu favor, e em breve arranjou maneira de serem os nossos amigos a pedirem-lhe para lhe darem as aulas!

— Pago-vos em histórias – foi a sua proposta milagrosa.

Que diabo - devem vocês pensar - Não bastavam já todas as histórias que ele contava às segundas-feiras de manhã?!

Pelos vistos aquele homem era um poço de aventuras!

— Claro que, em paga das aulas de inglês, eu vou contar-vos histórias que estão relacionadas com isso...

E essas ele não podia ele contar ao Oliveira, porque, para este nosso amigo, inglês ou chinês era quase a mesma coisa.

«*Burro velho* não aprende línguas» – gostava o Oliveira dizer. E até aconteceu que um dia o Chico Pouca-Tola, para o animar (e julgando ser muito simpático), lhe respondeu:

«Ora, ora, tio! O senhor não é *velho*!»

PUXA!!

Então ouçamos o Sr. Luís:

«Acabei um dia por ir parar a uma firma inglesa.

Aquilo era tudo gente muito cuidadosa, quase nunca se avariava nada, o edifício também era novo, e o meu trabalho de manutenção era muito pouco... Passava horas e horas a bocejar!

De vez em quando, dava uma volta pelos corredores e pelas salas em busca de qualquer coisa para compor, mas era muito raro encontrar.

E eu até pensava:

Querem eles aqui uma pessoa para *resolver* problemas! Quais problemas?! Deviam, então, contratar outra pessoa para *criar* esses problemas!

Mas, pensando bem, já vão ver que eu me encarregava das duas funções!»

*

Chegando a esta parte da narrativa, o Sr. Luís levantou-se do banco de tijolos e calou-se.

Era o que fazia sempre, quando via que a história se estava a aproximar do fim e ainda era muito cedo para se ir embora!

E começava a dizer, sem grande convicção:

— Está-se a fazer tarde... É melhor contar o resto na próxima semana...

Adorava a companhia dos três miúdos, e a parte de que mais gostava era quando eles pediam em coro:

— Conte! Conte, Sr. Luís! Não pare! E não se esqueça de nada!

E a Rita até costumava levantar-se também e puxá-lo pela manga do casaco forçando-o a sentar-se de novo no banco de tijolos.

Nem imaginam como o nosso amigo adorava essa demonstração de interesse pelo que contava!

Coçava o queixo, olhava para o tecto, e fazia de conta que era preciso um grande esforço de memória...

Por fim, lá continuava, fingindo-se muito fatigado:

*

«Mas o que vou contar mais cedo ou mais tarde tinha de acontecer, porque aqueles ingleses, com o inglês deles, tornam o nosso trabalho muito complicado... muito complicado...

Por exemplo:

Quando alguém vai a sair, dizem: "HESITE" (ainda por cima, coitados, escrevem "EXIT"⁵, mas não se lhes pode dizer nada...).

Outras vezes, põem luzes nas portas dos gabinetes a dizer "VAI-TE" (eles escrevem "WAIT"⁶, vejam lá os analfabetos!).

E eu já devia saber que as circunstâncias piores para a minha vida aparecem sempre quando eu acho que devo fazer mais do que é preciso. Julgo que já dei bastantes exemplos.

Mas ainda falta este que vou contar, e que acho que foi mesmo uma grande injustiça. Pelo menos nunca me explicaram bem o motivo porque fui despedido».

*

Esta não era a primeira vez que ele contava histórias dos seus despedimentos. E o mais estranho é que não parecia ter ficado muito triste por perder os empregos!

É natural. Com o seu feitio bem-disposto e com o seu jeito para coisas manuais achava sempre quem precisasse dele.

Voltou a confirmar, deliciado, que os nossos três amigos estavam ansiosos por ouvir o resto, e continuou:

*

«Pois foi... Tive um grande problema com o Director Geral, um tal Mister John-*Qualquer-Coisa*:

Um belo dia, o homem parecia-me que só berrava "Fogo! Fogo!" e apontava a porta da rua!

E eu, aflito, já procurava o extintor quando um colega que ia a passar me esclareceu:

O homem estava a dizer "Fired, fired!", que queria dizer "Rua!"⁷.

Estava, portanto, a despedir-me...

Se tivesse dito *street*, que é como se diz *rua* em inglês, eu acho que tinha percebido!

Bem, mas de facto eu cada vez entendia menos aquela gente. Toda essa fita era porque o Director Geral estava furioso por eu ter emendado o letreiro que estava na porta do gabinete dele:

5 *Exit*, em inglês, quer dizer Saída

6 *Wait*, em inglês, quer dizer Espere

7 Em inglês, *You are fired!* quer dizer: Você está despedido!

O Clube dos Inventores

"PUXE" estava mal escrito, dizia "PUSH"⁸, e eu, com a melhor das intenções, tinha corrigido!»

*

Mas ainda faltava, para acabar, o comentário do Chico Pouca-Tola:

— Pois é... há pessoas assim... Especialmente quando são chefes não aceitam que os corrijam...

⁸ Em inglês, *Push* quer dizer Empurre

UM AVÔ INESPERADO

Nesse dia (era um Domingo) a conversa ficou por aí e, por mais que insistissem para que o Sr. Luís continuasse a contar as suas aventuras, ele resistiu à tentação e foi almoçar.

— Tenho de ir comer cedo para ter tempo de convencer o meu avô a não ir ver o Benfica.

A Rita até deu um salto:

— O seu avô?! Nunca pensámos que o Sr. Luís ainda tivesse um avô vivo!

— Não é nada do outro mundo – respondeu ele. - Eu tenho 50 anos. O meu pai tem 75. E o meu avô tem 110.

— E ainda tem saúde para ir ver o futebol?! - Estranhou o Malaquias, não muito convencido.

— Saúde tem ele até demais! Vê um bocado mal ao longe, faz muitas confusões... mas, de resto, chega a envergonhar-me! E ainda bem que me falam disso, pois tenho uma ideia fabulosa. E vocês, um dia destes, é que me vão ajudar a pô-la em prática!

E, dizendo isso, olhou para o relógio com o mesmo ar do coelho da «Alice no País das Maravilhas», e saiu porta fora, com um aceno rápido, e deixando os nossos amigos roídos de curiosidade!

O GRANDE BENFIQUISTA

Mas o momento tão esperado acabou por chegar.

Foi no Sábado seguinte.

Estavam os nossos amigos muito entretidos a desmanchar um velho aspirador para recuperar o motor eléctrico, quando, inesperadamente, apareceu o Sr. Luís.

Vinha cheio de calor, mas os outros viram logo que ele trazia muita vontade de contar coisas... Ótimo!

— Então diga lá em que é que o podemos ajudar! – quis saber o Malaquias pondo de lado o alicate e interrompendo o que estava a fazer.

— Calma! Isto não é assim como vocês querem! Antes de mais nada, preciso de um copo de água fresca. Temos aí?

Ele era especialista em criar *suspense*, e os outros entravam no jogo.

Deram-lhe imediatamente toda a água que ele quis, e voltaram a insistir:

— Conte, vá lá! Em que é que podemos ajudar?

— Já não sei o que hei-de fazer ao meu avô! Vejam lá que ele, apesar dos seus 110 anos, me faz a vida negra! Já vos disse que ele é maluco pelo Benfica?

— Sim, já nos contou - respondeu a Rita - E que mal é que isso tem?

— Vocês sabem que as pessoas muito idosas têm, por vezes, dificuldades em acertar o passo pelo tempo que passa. E ele, quando vê um pobrezinho, ainda lhe quer dar dois tostões. Mete a mão ao bolso, mexe nas moedas que tem, e diz sempre: «Tenha paciência... não tenho trocado...».

Todos se riram. Mas se calhar, e quando chegarem a velhos - se lá chegarem... - ainda vão ser piores!

— Ora! Se todos os males fossem só esses... – comentou o Malaquias.

— Claro! O pior é o Benfica, que este ano está a jogar muito mal!

E o Sr. Luís continuou:

— Dentro desse mesmo princípio das moedas, ele ainda julga que o Eusébio joga, que somos Campeões Europeus, e coisas assim...

— E o Sr. Luís o que é que faz?

— Bem... eu não lhe digo nada, que não o quero desapontar. Tenho

medo que morra de desgosto!

— Mas ele não vê a televisão? Não lê os jornais? - Estranhou o Chico.

— Nem pensar! Aí é que ele morria mesmo! O que eu precisava era que vocês me ajudassem a fazer o seguinte...

Voltou a beber mais um copo inteiro de água, fez um «Ahhhh!» consolado e perguntou, metendo as mãos nos bolsos e recostando-se contra a parede:

— Querem mesmo saber o que é que eu preciso de vocês?

Nem era coisa que se perguntasse!

Mas ele estava com alguma vergonha de dizer o que tinha na cabeça.

Por isso, foi preciso os nossos amigos insistirem muito para ele continuar:

— Eu arranjei um leitor de cassetes de vídeo, comprei alguns filmes da Taça dos Campeões Europeus, outros do Campeonato do Mundo de 1966 e mais outros do mesmo género. E quando ele me diz «Olha que hoje temos jogo na televisão!» eu, à hora certa, meto uma dessas cassetes...

— E o seu avô não estranha que a imagem seja a preto e branco?! - Perguntou o Malaquias.

— Ele já vê muito mal, e em geral não dá por isso. E, quando dá, eu digo-lhe que é um problema dos estúdios ou do nosso televisor... às vezes até tenho o cuidado de tirar a cor umas horas antes e de comentar: «Pronto! Lá está esta porcaria outra vez a falhar!». Mas o pior é que ele agora quer, com frequência, que o leve ao Estádio da Luz! Quando ele vir como o Benfica anda a jogar, morre-me logo ali!

O Sr. Luís, de facto, estava bem arranjado!

Os nossos amigos, que não percebiam como é que podiam ajudar em alguma coisa, começaram a dar ideias pouco interessantes:

A primeira, era desencorajar o velhote, falando-lhe nos apertos da multidão...

— Já tentei, mas não deu resultado. Diz que, se tem de morrer um dia, então que seja na “Catedral”, que é como ele chama ao Estádio da Luz...

A segunda, era levá-lo a ver um jogo de uma equipa que ganhasse com mais frequência...

Afinal, se o homem via mal ao longe, tanto fazia...

E sempre podia dizer que o Benfica agora usava novos equipamentos, por ordem da FIFA, da UEFA, ou qualquer coisa parecida...

— Pois... também já pensei nessa. Levava-o a ver um jogo qualquer e, fosse qual fosse o resultado, havia de arranjar maneira de chegar ao fim e convencê-lo de que o Benfica tinha ganho, como nos velhos tempos! Mas fartou-se de me perguntar...

E o Sr. Luís engasgou-se, com o riso...

O Clube dos Inventores

— ...se eu tinha a certeza de que o Eusébio já jogava... É que um dia, para ver se o desencorajava, eu disse-lhe que ele estava lesionado...

— O senhor meteu-se num bom sarilho! - Foi a opinião dos nossos amigos.

— Mas o pior não é isso... Ele está habituado a ver jogos na televisão, e quer saber como é que, indo ao Estádio da Luz, pode ver *a repetição* dos golos!

— Essa não lembrava ao diabo! - Comentou a Rita, rindo à gargalhada.

E até o Chico Pouca-Tola, depois de ter ficado um bocado a pensar, acabou por perceber a graça e se riu com gosto.

— Pois lembrou-lhe a ele! E sabem que mais? Diz que, por isso, quando lá formos temos de levar uma televisão portátil...

— Ó Sr. Luís! Está bem arranjado!

— Talvez não... tive uma ideia, e tenho andado a pensar que vocês me podiam ajudar...

E expôs o seu plano:

— Há-de haver uma maneira, com essas coisas agora dos *bits* e da Realidade Virtual, de pôr o Benfica a ganhar, nem que seja só para o meu velhote, lá em casa...

E o Chico Pouca-Tola, que também sofria muito com os maus resultados do Benfica ultimamente, concluiu:

— Boa ideia! Vamos fazer um Benfica virtual!

A MÁQUINA DE GANHAR SEMPRE

Oliveira não devia ter estranhado quando, no dia seguinte, entrou na oficina e viu os nossos três amigos debruçados sobre duas caixas esventradas.

Ao pé do velho televisor estava o *Spectrum*, ambos parecendo em vias de serem destruídos.

— Então?! Vocês estão a compor ou a estragar?! - Perguntou ele, sorridente.

Não lhe responderam senão muito mais tarde:

— Ai o tio está aí?! Chegou há muito tempo?! – Perguntou a Rita.

— O suficiente para ver que vocês estão em vias de desfazer coisas ainda boas!

Ele bem sabia que não havia mal nenhum no que se estava a passar, mas era a maneira que ele tinha de fazer com que lhe contassem o que estava a acontecer...

— Nada disso! Estamos apenas a estudar. Se agora já se fala em computadores que percebem a voz das pessoas, também havemos de conseguir pôr estas coisas a ouvir e a falar, e vamos resolver o problema do avô do Sr. Luís!

*

Passaram-se alguns dias.

— Já está - limitou-se o Malaquias a dizer ao Sr. Luís, quando ele voltou.

— E como é que isso funciona?! Olhem que eu, de computadores, percebo pouco mais do que aqui o nosso Oliveira!

*

Oliveira também estava perto, nesse dia.

Ouvira dizer que iam fazer mais um invento fabuloso e não quisera perder nenhum pormenor!

Invenções, de facto, eram com ele (aliás, aquela loja parecia um autêntico ninho de inventores: ao todo estavam ali reunidos cinco!).

Só havia um pequeno problema:

Aquilo parecia que metia computadores e ele, disso, não gostava...

— Para mim, as verdadeiras invenções são as que têm rodas, tubos, engrenagens, parafusos... Agora isso dos *bits* não acho que tenha interesse... Gosto de coisas mais concretas, mesmo que deitem fumo! Mas não

O Clube dos Inventores

interrompam por minha causa. Façam de conta que eu não disse nada e que até nem estou aqui...

E mantinha-se um pouco afastado, observando tudo de longe, sentado, com os pés a abanar, num banco alto onde costumava *repousar do descanso...*

*

— Agora só precisa de usar este televisor quando houver uma transmissão de um jogo qualquer – informou a Rita, depois de ter explicado o funcionamento da maquina.

— E olha que isso só funciona bem nos jogos do Benfica - comentou de longe o Oliveira, para mostrar que também estava a par do assunto.

*

No dia seguinte, no meio da sala de jantar da casa do Sr. Luís, o avô do nosso amigo parecia grudado no novo aparelho e de olhos em bico!

De súbito uma explosão de alegria pôs aquele velhinho a dançar na sala:

«Go-o-o-o-o-o-o-lo - do - Ben-fi-ca!!!!!!!»

E essa cena repetiu-se muitas... muitas... e muitas vezes!

*

Bem... julgo que já deu para perceberem o essencial da história:

Os nossos inventores, para manterem o simpático velhinho na doce ilusão dos velhos tempos, tinham conseguido desenvolver um programa de reconhecimento de voz. E, quando o locutor gritava «Goooooolo!!!!» o programa encarregava-se de fazer o resto...

*

Mas até já o próprio Sr. Luís começava a acreditar naquilo tudo...

— Boa! - Dizia ele no fim do jogo, abraçando o avô com uma lágrima ao canto do olho – Hoje é que foi! Demos *dez-a-zero* aos gajos!

NEGÓCIO DA CHINA

- **Ó** Malaquias! Sabes que vou à China?! - Foi com esta frase espantosa que um dia o Sr. Luís cumprimentou o nosso amigo quando o encontrou na rua.

— E como é que se vai entender por lá? - Quis o outro saber.

*

Foi, então, precisa uma pequena explicação:

O Sr. Luís andava ultimamente com pouco trabalho.

E acontecera que uma empresa, onde em tempos tinha estado, precisara muito dele para compor umas coisas numa obra que fizera em Macau.

— Até ontem já não precisavam de mim para nada... e agora vêm-me chamar! E ainda por cima querem que apanhe o primeiro avião! Ora hoje é Terça-feira e eu vou na Sexta, vê lá tu! Dizem que é só por três semanas, e sendo assim não me importo. *Temos de ser uns para os outros*, como se costuma dizer, e vou até lá ajudar os homens. Prometeram-me que me pagavam umas horitas extraordinárias e um subsídio de viagem por a obra ser longe do hotel...

Depois, pensando um pouco, comentou em voz baixa, como se falasse sozinho:

«Parece-me muita fartura... O que vale é que levo aqui um papel escrito com essas coisas todas, assinado pelo chefe...»

— Bem, ir até Macau... ainda vá! Mas o Sr. Luís estava a falar em ir à China... — comentou o Malaquias.

— Ora! Não tarda muito que Macau passe para a China... Mas, além de estar mesmo ao lado e eu tencionar lá ir, as pessoas quase só falam chinês!

O Malaquias já ouvira contar essa coisa espantosa e *acanou que sim* com a cabeça:

Por incrível que pudesse parecer, tratando-se de um Território Sob Administração PORTUGUESA, quase ninguém falava português!

— Vê lá tu que até o dono da obra só fala chinês e inglês... Apesar de a empresa ser portuguesa! Por isso estava a pensar pedir ajuda novamente ao «Clube dos Inventores»... Lembras-te que em tempos vocês me deram umas liçõezitas de inglês? Pois eu precisava de mais umas lições rápidas... só para lembrar...

*

O Clube dos Inventores

E assim foi, durante três noites...

Depois lá partiu, para a longa viagem, feliz por poder ser útil.

*

Ora o tempo foi-se passando e todos estranhavam que ele nunca mais voltasse de Macau.

E já lá iam umas quatro ou cinco semanas sem notícias!

Até que um dia receberam um fax na loja.

Era do nosso amigo e dizia assim:

«Antes do mais, vejam lá se arranjam aí correio electrónico, que isto de mandar faxes de Macau para aí sai muito caro e é só para ricos!

Mas adiante.

Eu fui muito bem enganado! Vocês sabem que, agora que me apanharam por cá, não me querem deixar ir embora?! Afinal, em vez de uma obra, eram duas, e eles aqui já sabiam isso desde o princípio!

E ainda me negaram o tal dinheirito prometido, dizendo que o papel que eu trouxe não vale de nada!

Mas estas coisas também são boas para a gente ficar a conhecer bem com quem se mete...

De qualquer forma, não vos escrevo por isso...

Quero é dizer-vos que fui várias vezes a Hong-Kong, que é a uma hora de viagem daqui. Então, lá, ainda é pior: a única salvação para quem quer comer e beber é mesmo falar inglês.

E é por isso que vos escrevo, pois as vossas lições foram uma boa porcaria!

Vocês convenceram-me que, em inglês, o "A" se pronuncia "ei"...

De facto às vezes é verdade, mas *nem sempre!*

Da primeira vez que eu quis perguntar por um *Snack-Bar*... adivinhem onde fui parar! Até comi pastéis-de-bacalhau de cobra!»

*

E foi o Chico Pouca-Tola quem comentou, embora não tivesse sido necessário:

— Coitado... ele deve ter pronunciado *sneique*, e *snake*, em inglês, quer dizer *cobra*...

A GRANDE IDEIA DO OLIVEIRA

Mas o que é certo é que, algumas semanas depois, o nosso amigo já estava de regresso a Portugal.

E, no seguimento das suas queixas, Oliveira teve uma grande ideia para o «Clube dos Inventores» pôr em prática:

— Vamos fabricar um detector de mentiras!

— Vai-se vender como pãozinhos quentes! - Garantia o Sr. Luís acenando entusiasmado com a cabeça - vocês vão ver! Se o conseguirmos fabricar eu vou ser o primeiro comprador!

*

E foi assim que os nossos amigos começaram a magicar por onde haviam de atacar o problema.

— Agora é que nos dava jeito uma ligação à Internet... - gemeu o Chico.

— E porque é que isso ainda não está feito?! - perguntou o Sr. Luís, virando-se para o Oliveira, visto que sabia muito bem que era por causa dele que essa coisa tão simples não se fazia.

Oliveira não respondeu. Disfarçou, dizendo que tinha de ir à casa de banho... depois que tinha de fazer um telefonema...

Mas o Sr. Luís, que já estava habituado a esses truques do amigo quando a conversa não lhe agradava, também não o deixou escapar.

Por isso, no fim desse tal telefonema perfeitamente desnecessário, insistiu:

— Eu pago-te um *modem*⁹ para oferecer aqui à rapaziada.

— Viva! Viva o Sr. Luís! - Gritaram todos em coro, numa berraria que se ouvia na rua.

Mas Oliveira não estava a achar muita graça:

— E quem é que paga a ligação ao fornecedor de acesso e as chamadas telefónicas?!¹⁰

Fez-se um silêncio desagradável, até que o Malaquias disse:

— Pagamos do nosso dinheiro. Não é muito, mas sempre dá para alguma coisa.

⁹ *Modem* é um aparelho que serve para receber e transmitir informações. Neste caso, era fundamental para ligar o computador à Internet

¹⁰ Nota da 2ª Edição: Na época em que esta história se passou ainda não havia ligações gratuitas à Internet.

O Clube dos Inventores

Oliveira ficou feliz:

— Ora então aqui está uma sociedade como deve ser! Digamos mesmo: uma Sociedade com "S" grande!

Voltou à memória de todos a história do "H" perdido da casa de banho da Mykro-Makro, mas ninguém falou nisso.

E o outro continuava, todo contente:

— Aqui o nosso Luís, fornece o *modem*; vocês os três fornecem o trabalho e a massa cinzenta, e eu... já fiz a minha parte - aliás o mais difícil de tudo: forneci a ideia!

A GRANDE MÁQUINA

Não vamos agora, por falta de espaço e tempo, descrever aqui o processo de ligação à Internet.

Basta que se saiba que o velho 486 foi equipado com o *modem* mais caro e melhor que por lá havia na loja (visto que era o Sr. Luís a pagar e o Oliveira a vender!).

Malaquias, o mais entusiasta de todos (e que já tinha alguma experiência que adquirira em casa do Serapião¹¹ - que ainda hão-de conhecer) começou logo a enviar mensagens de correio electrónico, informando toda a gente conhecida do endereço de *e-mail*¹² do Clube!

*

Após inúmeras pesquisas na Internet, e quando já estavam quase a desistir de encontrar ajuda para o fabrico da máquina, a Rita lembrou-se:

— Olhem lá! Não havia um programa na televisão em que aparecia uma coisa dessas? Não estaremos nós a querer inventar o que já está feito e mais que feito?

Ficaram todos a pensar, muito calados.

O Chico rompeu o silêncio:

— Acho que não há esse problema. O que se via na televisão era uma cadeira, onde a pessoa se sentava e ia respondendo a umas perguntas. E isso é pouco prático. O que a gente precisa de inventar é uma coisa pequena, simples, que seja portátil...

— Como um relógio, por exemplo? - Perguntou o Oliveira.

— Sim... qualquer coisa que a gente possa ter à mão, sem dar muito nas

¹¹ Serapião Albino é uma personagem engraçada que poderã conhecer na Internet. Vejam em: www.janelanaweb.com/humormedina

¹² *E-mail* é uma designação abreviada de *electronic-mail* que, em inglês, quer dizer correio electrónico.

E, como foram os americanos quem começou por utilizar em grande força a Internet, o termo tornou-se quase universal, tal como WC, OK e KO, por exemplo, que são abreviaturas de expressões inglesas que toda a gente usa sem se preocupar muito em encontrar tradução. Só os franceses, muito ciosos da sua língua, querem que se use a expressão *mél*, divertida abreviatura de *messagerie électronique*...

O Clube dos Inventores

vistas, e que possa ligar quando desconfiarmos que alguém nos está a querer enganar.

— Isso pode ser o fim do mundo! - Exclamou o Sr. Luís. Vamos ficar ricos mas vamos, também, arranjar grandes sarilhos!

— Eu, por mim, aceito correr o risco! - Declarou o Malaquias.

— Eu também! - Afirmaram todos os outros a uma só voz.

*

Não foi fácil o trabalho, pois nem sequer se sabia muito bem por onde começar!

A ideia-base era que, quando uma pessoa está a mentir, deve haver qualquer pequena alteração na voz que possa ser detectada.

Por isso, usando um microfone muito sensível e um programa adequado, talvez se conseguisse...

Ora, como se sabe, ali na loja havia tudo o que era preciso, pelo menos no que respeitava ao material para começar, incluindo esses microfones especiais e amplificadores extremamente potentes.

Oliveira encarregar-se-ia da parte electrónica:

Escolheria os componentes (os mais baratos, é claro!), fabricaria os circuitos impressos necessários e construiria o protótipo.

O Sr. Luís tentaria, mais tarde, fazer uma miniatura daquilo tudo de forma a poder caber num objecto suficientemente pequeno.

Além disso ficaria responsável pelas vendas.

Quanto aos nossos amigos, fariam um pouco de tudo, começando, para já, pela pesquisa científica.

*

Tenho a impressão de que a Biblioteca lá da Escola nunca teve três visitantes tão interessados!

Mas havia uma coisa que fazia gelar qualquer coração sensível:

O computador da Escola, ligado à Internet no seguimento do programa oficial «Internet na Escola», ali estava, a um canto, parado e desligado mas com um lindo *naperon* em cima e coroadado com uma jarra de flores de plástico!

— Dão nozes a quem não tem dentes! - Comentava sempre o Malaquias para a irmã e para o Chico.

— E dão dentes a quem não tem nozes... – completavam os outros dois em coro.

Mas, ao fim de muito tempo e de estudos apaixonantes, chegou a altura de tratar da programação do computador que ia gerir a máquina!

Feito isso, acabou por chegar o grande dia do ensaio final!

A maquina ainda era em formato grande, pois não se devia perder tempo a fazer as miniaturizações sem se saber se aquilo iria funcionar.

Por isso, o que ali se via era uma barafunda de fios e componentes de onde saíam ligações para o velhinho computador.

Seriam feitas muitas experiências, e o processo era simples:

Alguém diria para o microfone várias frases: umas tantas verdades e outras tantas mentiras.

A maquina devia identificá-las devidamente e, ao detectar uma mentira, faria acender uma luz encarnada.

*

Oliveira não cabia em si de contente quando foi escolhido, por unanimidade (até ele votou a favor!) para ser o primeiro experimentador da máquina!

— Vai ser um grande dia, minha gente! Tenho de estar preparado para ficar para a história!

Quem o ouvisse até podia pensar que o mérito tinha sido só dele!

Foi então arranjar-se. Penteou-se, vestiu o casaco, ajeitou bem na cabeça o seu inseparável chapéu mole, perfumou-se e sacudiu o pó das calças.

Por fim anunciou:

— Estou pronto, caros sócios! O que é que tenho de fazer agora?

Ficou então combinado que ele diria, frente ao microfone, algumas frases, separadas de alguns segundos.

Depois se veria se a máquina identificava correctamente as verdades e as mentiras.

— Pode começar! - Anunciou o Chico, de olhar fixo na lâmpada.

E ele então, julgando-se o centro do mundo, começou:

— Sou muito inteligente.

— Não sou nada sovina.

— Tenho um espírito muito aberto.

E a lâmpada... nada!

— Até agora funciona bem! Vou então começar com as mentiras...

E o Chico Pouca-Tola, bem podia ter ficado calado:

— Espere um bocadinho, tio... deixe-me ver se a lâmpada está fundida ou mal atarraxada.

A GRANDE LIÇÃO

A máquina acabou por se fazer, mas antes de começarem o trabalho de miniaturização, o Malaquias teve uma ideia de simples bom-senso:

— Meus amigos, como sabem eu comecei por ler tudo o que encontrei sobre o Edison. Só vos digo que aprendi muito e não foi só no aspecto técnico: aprendi a insistir quando as coisas são difíceis, aprendi que as invenções têm mais de transpiração do que de inspiração... Sabem lá o que ele passou até conseguir encontrar um material que servisse para fazer um bom filamento para a sua lâmpada!

Oliveira interrompeu-o:

— E o que é que isso tem a ver com o nosso trabalho?

— É que uma das coisas que ele dizia era que não perdia tempo com invenções novas sem antes ter a certeza de que as ia vender. Sabem porquê?

O Malaquias já aprendera com o Sr. Luís a criar *suspense*...e a fazer com que as pessoas desejassem que continuasse!

— É que uma vez ele inventou uma máquina de contar votos em eleições. E ninguém lha comprou! - Concluiu.

— Estranho – comentou o Chico. De facto, sendo uma coisa fácil em termos técnicos, não se compreende que não haja máquinas para isso! E ainda hoje é necessário ir pessoalmente às Assembleias de Voto, esperar imenso tempo, pôr cruzinhas nos papéis, dobrar, meter nas urnas...

— E, depois, contar tudo à mão, como se fazia no tempo dos gregos! E isso estando nós na era dos computadores! - Retomou o Malaquias o raciocínio. - Claro que isso tem a ver com a desconfiança das pessoas, pois há o medo de que alguém controle as máquinas e falsifique os resultados...

— E o que é que isso tem a ver com a nossa máquina de detectar mentiras?! - Quis saber o Oliveira, que já não estava a achar graça nenhuma à conversa.

Sim, porque ele aceitara que se instalasse a Internet lá na loja, mas tinha sido para levar o negócio até ao fim!

— Eu também acho que não devemos desistir - meteu-se a Rita na conversa. Acho bem que antes de continuar mostremos a máquina a pessoas que a possam querer comprar... Ó Malaquias, porque é que não falas ao Dr. Andorinhas?! Pode bem ser que a Mykro-Makro a queira!

*

E foi assim que, após muita insistência dos nossos amigos, o Dr. Andorinhas apareceu lá na oficina.

Ficou encantado...

— Estou disposto a fazer um negócio convosco. Compro-vos a máquina, e até por um preço elevado, mas só se fará um exemplar no mundo: o meu!

A MÁQUINA ESPECIAL

Um dia o Dr. Andorinhas queixou-se para o Malaquias:

— Ando com um grande problema na minha empresa: começa a haver muita gente que diz que está cansada e eu já não sei quando estão a falar verdade ou mentira...

— Talvez o detector de mentiras pudesse servir para isso - sugeri o nosso amigo.

— Também pensei... mas nem sempre se trata de mentiras. Eu até acredito que alguns empregados possam estar cansados. O que eu queria saber é quem é que está *mais* cansado para poder aliviar o trabalho dessas pessoas.

E continuou a explicação:

— Quando me aparece um indivíduo a dizer que está *cansado*, e um outro a dizer que está *muito cansado*, como é que eu posso saber qual deles está, de facto, mais fatigado?!

Malaquias ficou a pensar... Mas nesse dia a conversa ficou por aí.

Na semana seguinte, numa ida ao supermercado, aconteceu, porém, o que vos vou contar.

*

Não sei se sabem que em algumas lojas há uma balança junto à caixa onde se paga.

A pessoa compra maçãs ou batatas, por exemplo, e – ao chegar à caixa – o empregado ou empregada pesa-as e mete o respectivo preço na conta.

Pois nesse dia não havia maneira de o Malaquias encontrar o portamoedas.

E tanto tempo demorou que a senhora que ali estava apoiou o cotovelo no prato da balança, encostou o queixo à palma da mão e ficou à espera, olhando para o tecto...

E o Malaquias reparou, admirado, que o ponteiro começava a subir:

500 g... 800 g... 1 kg... 1,6 kg...

Não se conteve e comentou:

— Ena! Marca quase 2 kg!

E a senhora, apercebendo-se do que se estava a passar, respondeu:

— Ah! Só marca dois quilos quando eu estou *mesmo muito cansada!*

— Eureka! - Berrou o nosso amigo para espanto de todos os presentes na loja.

*

Estava descoberto o princípio da máquina que o Dr. Andorinhas tanto queria. E até já tinha nome:

O CANSADÓMETRO

PERDIDOS E ACHADOS ARRISCADOS

«**C**aros amigos, a Mykro-Makro precisa MUITO URGENTEMENTE de um novo produto para a sua fábrica de roupas de criança. Vejam lá se têm alguma boa ideia. Tem de ser qualquer coisa MUITO inovadora».

*

Os nossos amigos tinham recebido essa mensagem no correio electrónico desse dia.

Era do Dr. Andorinhas, que já começava a usar essas ferramentas que tanta vantagem traziam para ele e para a sua empresa.

*

Tratava-se, portanto, de responder ao novo desafio, e os nossos três amigos, reunidos no «Clube dos Inventores», decidiram que era melhor descerem à cave e, aí, procurarem concentrar-se usando o *método E&L*, que queria dizer «Escuridão e Lâmpada».

Na cave, que era relativamente espaçosa apesar de muito baixa, havia três móveis muito, muito importantes, de que já vos falei.

Talvez até fossem mais importantes do que as arcas secretas:

Eram os três cadeirões de coiro, que tinham sido oferecidos pelo Dr. Andorinhas em paga do esforço por eles desenvolvido na invenção do *cansadómetro*.

Pois em casos difíceis como este agora (um pedido de invento mas sem se saber muito bem o quê), cada um sentava-se no seu cadeirão, apagavam as luzes, e ficavam calados, a pensar... a pensar.

Depois, o primeiro que tivesse uma ideia, levantava-se (em geral inesperadamente) e acendia uma gigantesca lâmpada que ali havia só para esse efeito:

Era o sinal de IDEIA LUMINOSA!

Mas, nesse dia, nunca mais ninguém accionava o interruptor respectivo.

— Vamos ter de sair para a rua para colher ideias — sugeriu a Rita. Separamo-nos, e encontramos aqui ao fim do dia para trocar experiências.

E assim foi.

*

Ora aconteceu que, quando ia na rua, a Rita assistiu a uma cena de uma criancinha que se tinha perdido.

Por fim lá apareceu a mãe, muito aflita, e tudo se resolveu.

Veio-lhe então à lembrança que seria muito útil se os miúdos andassem com qualquer coisa que os identificasse, e foi nessa altura que teve uma grande e brilhante ideia!

*

Correu para o Clube e, através da Internet, enviou uma mensagem aos *bips*¹³ dos outros dois:

¹³ Nota da 2ª Edição: Hoje, já quase ninguém sabe do que se trata! Se a história se passasse agora, é claro que usariam telemóveis!

REGRESSEM COM URGÊNCIA ACHEI A SOLUÇÃO!

E até escreveu em maiúsculas, o que, segundo a convenção de quem escreve mensagens de correio electrónico, é o equivalente a gritar.

*

O Malaquias e o Chico, que tinham vindo a correr e estavam a suar imenso, acabaram por chegar quase ao mesmo tempo.

Quando desceram ao subterrâneo encontraram a Rita sorridente, esticada no respectivo sofá e com os pés em cima da arca dos Arquivos Secretos.

A grande lâmpada estava acesa no seu brilho máximo!

E a Rita passou a explicar:

Tratava-se, nem mais nem menos, do que arranjar maneira de a fábrica do Dr. Andorinhas produzir roupas às riscas...

E essas riscas deveriam ser finas e grossas, formando um *código de barras* igual ao que agora serve para identificar *tudo e mais alguma coisa!*

*

Não era preciso explicar mais nada!

Com roupa assim, iria ser possível identificar perfeitamente quem a vestisse!

Quando alguém encomendasse uma roupa para um miúdo, (e se desse o nome, o número do telefone e a morada respectivos) seria possível que a fábrica fizesse um produto verdadeiramente personalizado!

A ideia foi festejada, e resolveram ir, pessoalmente, à Mykro-Makro onde estavam autorizados a entrar a qual-quer hora.

*

Iam eles a caminho, quando passaram pela loja onde o Malaquias se inspirara para inventar o *cansadómetro*.

Ele aproveitou e resolveu mostrar-lhes a tal balança.

Ora a Caixa estava equipada, precisamente, com uma dessas máquinas que lêem o código de barras do produto.

— Vêem como eu tenho razão? - Comentou a Rita - Agora há máquinas destas em todo o lado! Quando a nossa ideia for posta em prática, um miúdo que se perca pode ser identificado facilmente em qualquer loja!

*

Mas, de repente, armou-se um grande burburinho, com uma senhora a esbracejar e a insultar toda a gente...

*

Tinha-se passado o seguinte:

Ela estava na fila para pagar, com um bebé ao colo e - como trazia muitas compras - sentou o miúdo na bancada da Caixa e começou a procurar a carteira.

Ora a criancinha começou a gatinhar e passou pelo detector de código de barras existente no balcão.

Nada disso teria muita importância se não se tivesse acendido automaticamente um aviso luminoso, accionado pelo facto de o miúdo trazer umas fraldas às riscas:

PRODUTO *DEFEITUOSO*CHAME*A*GERÊNCIA

O PARQUÍMETRO

O país estava a ser inundado de parquímetros e a Mykro-Makro decidiu entrar na corrida.

E foi assim que o Dr. Andorinhas enviou um *e-mail* a convocar os nossos amigos para uma reunião onde lhes veio a encomendar um difícil trabalho:

— Vejam se conseguem inventar parquímetros melhores do que esses que por aí há!

*

Os nossos amigos lançaram-se ao trabalho com todo o entusiasmo.

A peça essencial tinha de ser um relógio, para contar o tempo de estacionamento.

Arranjaram então um velho despertador e todos os outros materiais necessários na loja do tio.

— Vamos lá a ver se isso funciona, porque vocês vão ter que me pagar essas coisas todas! - Comentava ele, brincando, exibindo o seu riso bonacheirão e ajeitando o eterno chapéu mole que não tirava nem para dormir.

No fundo, estava feliz por ver a azáfama e o espírito criativo dos sobrinhos.

Feito o miolo da máquina, viu-se que a parte mais difícil era agora arranjar a caixa metálica.

Mas, como aquilo era apenas um protótipo, o aspecto final não os preocupava muito.

De facto, o que era importante era ver se a máquina funcionava bem, e por isso acabaram por fazer uma armação com madeira de caixotes.

*

Oliveira estava tão contente e orgulhoso com o trabalho da *Juventude* que fez questão de experimentar a maquineta na rua, mesmo ao pé dos parquímetros verdadeiros!

Ah, nunca vos falei do velho Hillman azul que ele tem e que está eternamente estacionado à porta da loja!

De facto, como ele não anda e não vai a lado nenhum, pouco interessa referi-lo, mas foi com esse monte de ferro-velho que os nossos amigos se propuseram ensaiar a geringonça!

*

Para a cerimónia convidaram o Dr. Andorinhas.

*

— Não é preciso que o carro ande muito nem pouco - dizia o Oliveira - O ensaio é de *estacionamento* e não de *andamento*...

Valia a pena vocês terem visto a cara do polícia de trânsito ali da zona quando aquele grupo apareceu a empurrar o calhambeque até um cantinho do passeio onde já estava instalado o protótipo: o guarda tirou o boné, coçou a careca e o bigode, e limitou-se a ver...

A Rita, então, puxou de uma moeda e meteu-a na ranhura da maquina.

Ah! E escreveu o nome do tio e a matrícula do carro num pequeno teclado feito a partir de um telefone velho!

— Agora vamos sair daqui. Meti dinheiro para meia-hora. Quando faltarem cinco minutos para acabar o tempo o automatismo previne-nos. Nessa altura vai ser preciso meter mais dinheiro ou tirar o carro daqui.

— Que maravilha! - Comentou o Dr. Andorinhas com toda a sinceridade - Mas como é que isso funciona?!

— Daqui a uns 25 minutos já vai ver, Doutor... é precisamente nesse pormenor que está a originalidade da nossa invenção!

Voltaram para a loja. E estavam ali apenas há um ou dois minutos quando se ouviu uma voz gravada, vinda da rua, mais concretamente do estranho parquímetro:

«Chama-se o Sr. Oliveira, proprietário do veículo PN-11-81, para junto do mesmo. O seu tempo de estacionamento foi excedido e está neste momento a ser multado...»

E o Chico Pouca-Tola limitou-se a comentar:

— Não se aflija, Dr. Andorinhas! Os protótipos são mesmo assim! Na versão definitiva vamos substituir o despertador por um relógio de quartzo.

O SIGNO DA BALANÇA

- **C**aros amigos, conto com os vossos conhecimentos de alto nível para fabricar mais um produto de sucesso!

*

Era, como de costume, o Dr. Andorinhas a encomendar mais uma máquina, durante uma reunião especialmente convocada para o efeito.

O novo desafio era interessante:

Tratava-se de melhorar bastante aquelas balanças que dizem o peso da pessoa em voz alta.

— Sim, porque isso já está muito visto – explicava o doutor.

E continuava:

— A ideia é aproveitar as maravilhas que agora se podem fazer com os computadores e modificar essas balanças, obtendo com pouco custo um modelo verdadeiramente revolucionário!

*

E, assim, aqui temos os nossos amigos com uma balança dessas na loja, já toda esventrada, procurando decifrar os mistérios que permitiam que um monte de ferros e parafusos falasse português!

— Se fosse inglês, eu até nem me admirava, agora português é que é espantoso! - Comentava Oliveira, observando tudo, sentado no seu banco alto, de mãos nos bolsos e com o chapéu descaído para a nuca.

*

Pouco tempo depois já os três inventores estavam em condições de apresentar uma autêntica maravilha.

Usaram, para isso, muitas das peças que tinham utilizado no parquímetro.

E a máquina maravilhosa funcionava assim:

A pessoa subia para cima da balança e escrevia o seu nome num pequeno teclado.

Quando voltava a pesar-se, ouvia sempre, além do seu peso, respostas simpáticas.

Ora vejam estes exemplos, obtidos na farmácia da D. Aurora, a cunhada do Dr. Andorinhas:

Se o peso diminuía: «35 kg, D. Beatriz! Espantoso! Está cada vez mais elegante!»

Se o peso se mantinha: «79 kg, D. Idalina! Parabéns! O tempo passa por si e a senhora continua na mesma!»

Se o peso aumentava: «163 kg, D. Alzira! Gordura é formosura!»

*

— A balança tem feito um grande sucesso, meus amigos! Vejam se a melhoram para que os clientes, além de satisfeitos, passem também a comprar os produtos que há na farmácia...

E foi assim que a máquina evoluiu um pouco, tendo em conta a prosperidade do negócio da D. Aurora.

A geringonça foi modificada e passou a dizer outras frases:

«34 kg, D. Beatriz... A senhora está a ficar magra demais! Experimente o fortificante que aqui temos para si!»

«164 kg, D. Alzira... Já começa a ser muito! Não deixe de comprar o remédio para emagrecer que está à sua espera!»

E o negócio, como se imagina, ia de vento em popa porque os clientes adoravam esse *atendimento persona-lizado*...

*

Mas um dia houve um primeiro “aviso” de que alguma coisa não estava a correr muito bem...

Passou-se o seguinte:

Dizia a balança falante para o senhor Jacinto:

— O senhor ontem pesava 90 kg e hoje pesa 100... Já viu se não estará com algum sobretudo vestido?

Mas a balança falava muito alto, e toda a gente na farmácia olhou para ver o Sr. Jacinto, muito envergonhado, a despir o casacão...

E a balança continuou:

— Quando tiver tirado o sobretudo carregue na tecla que diz “continuar”.

Mas logo a seguir, ao constatar que o peso se mantinha, a balança perguntou:

— Ó Sr. Jacinto, por acaso o senhor não terá ficado com o sobretudo debaixo do braço?

E, no meio da gargalhada geral, viu-se que era isso que tinha acontecido!

*

Mas o pior ainda estava para vir:

— Ó senhores inventores! - Era o Dr. Andorinhas ao telefone, furioso, dias depois - Estou aqui na farmácia da minha cunhada!

O Clube dos Inventores

E continuava, com a voz alterada:

— Venham cá com urgência, que estamos com um grande problema! Olhem lá, que raio de programa é que vocês meteram na porcaria da balança?!

— Só inteligência artificial, senhor Doutor! Pura inteligência artificial! - Respondeu o Chico, confiante e de consciência tranquila.

— Qual *inteligência artificial*, qual o quê! Deve ter sido mas é *estupidez natural!*

*

Passara-se o seguinte:

O Chico, num esforço desesperado para humanizar a máquina, dotara-a, como vimos, com um pouco de “inteligência” a mais...

E nesse dia, como a balança viu que a D. Alzira continuava a engordar, a maquineta achara por bem comentar:

«200 kg! Ó D. Alzira, já viu que está a ficar uma autêntica baleia?! De que é que está à espera? Não lhe disse já trinta vezes para comprar a porcaria do nosso remédio para emagrecer?!»

*

— O pior até nem foi ela me ter destruído a balança! - Protestava a D. Aurora – O pior é que ela *até andava a tomar* o meu remédio!

O GRANDE PONTO!

Um belo dia, quando nada o faria prever, os nossos amigos receberam a visita do Dr. Andorinhas.

Vinha extremamente nervoso, de camisa desabotoada, e mal conseguia respirar!

— Preciso urgentemente da vossa ajuda – disse ele, por fim, quando conseguiu falar – Vai aparecer aqui o Engenheiro Milhafre e quero que estejam preparados para uma coisa muito estranha.

E passou a explicar:

O Engenheiro Milhafre, que era o seu maior inimigo dentro da empresa, andava a preparar mais uma grande patifaria!

*

Sabem o que é um Relógio-de-Ponto?

É uma máquina onde as pessoas registam a horas a que entram e saem dos empregos.

Como se compreende, essas máquinas são muito importantes, pois é por elas que se pode saber se as pessoas estão a trabalhar o número de horas necessário.

É claro que na Mykro-Makro também havia vários relógios desses.

*

Pois o Engenheiro Milhafre tivera uma ideia diabólica:

Resolvera arranjar maneira que os relógios atrasassem, ao fim do dia, alguns minutos.

Assim, quando as pessoas fossem a sair – julgando que já tinham trabalhado tudo - ficavam a saber que ainda tinham de trabalhar mais!

Ao princípio isso tinha acontecido por acaso, devido a uma avaria, mas o cérebro diabólico do Engenheiro Milhafre entrara em acção!

*

E o Dr. Andorinhas continuava:

— Ele sabe que vocês são uns génios nestas coisas técnicas. Por isso, ele vai aparecer aqui e pedir-lhes para arranjam maneira de os relógios passarem a atrasar bastante mais!

Malaquias ficou muito admirado e respondeu:

— Mas isso é muito desonesto, Doutor! Nós não vamos colaborar numa aldrabice dessas!

O Clube dos Inventores

Só que o Dr. Andorinhas já vinha preparado para essa resposta.

— Eu sei, meus amigos. Eu sei! Mas se vocês se negarem a fazer o trabalho ele vai pedir a outros. O que é que hei-de fazer?!

E foi nessa altura que o nosso amigo Malaquias, depois de falar demoradamente com a irmã e com o primo, lhe respondeu:

— Vá-se embora sossegado, doutor... Acho que já sei o que vamos fazer...

*

Ainda não se tinham passado dez minutos quando um estranho indivíduo, com cara de louco, óculos de aros, dentes de fora e orelhas arrebitadas entrou pela loja adentro.

Trazia dois enormes embrulhos, um debaixo de cada braço, e não perdeu muito tempo a explicar o que queria.

A sua voz era difícil de entender, mas os nossos amigos, que já sabiam ao que ele vinha, também não precisaram de grandes explicações...

— Quero que, quando for a hora da saída, o relógio atrase! - Disse o homem, sem dar novidade nenhuma. - E MUITO! Mesmo MUITO!

E Malaquias começou a perguntar-lhe:

— Quanto? Cinco minutos?

— Mais! - Respondeu o estranho indivíduo.

— Dez minutos? Quinze?

— Não!! Quero MAIS, MUITO MAIS! - Prosseguia o outro, com os olhos a brilhar, e dando saltinhos nervosos.

— Então isso vai demorar um bocado... Volte cá amanhã por esta hora - respondeu-lhe o nosso amigo.

— Então sempre é possível o que eu quero?! - Perguntou o homem, com os seus olhinhos pequenos a brilhar e a piscar.

— Claro, Senhor Engenheiro. Claro que é possível!

*

Nessa noite os três inventores atiraram-se ao trabalho com toda a força e, quando no dia seguinte o cavalheiro voltou, teve a suprema alegria de ver que lhe tinham feito a vontade...

Pegou nos relógios e, sem sequer agradecer nem se despedir de ninguém, saiu porta fora, feliz da vida...

E os nossos amigos ficaram a ver, através do vidro da montra, o pobre louco que se afastava, com os dois relógios debaixo do braço, rindo e

dançando por entre os canteiros do jardim ali da frente!

*

Malaquias, ajudado pelos outros, fizera o seguinte:

O relógio, que era de ponteiros, quando chegava a hora da saída, atrasava... *doze horas!*

*

Só o Chico é que, sempre sem perceber nada, não parava de dizer:

— Não percebo... Mas assim os ponteiros não marcam o mesmo?!

O AUTOMATISMO

Este livro já está a chegar ao fim, e estou mesmo a ver que vai ter de ficar para outra vez uma quantidade enorme de histórias que já estão escritas e tenho guardadas.

Bem... dantes dizia-se que os escritores guardavam as histórias no fundo do baú. Pois eu guardo-as no fundo do disco do computador e faço uma cópia de segurança numa disquete.

Ficam, assim, para outra vez:

«O Mistério do Carro do Deficiente»

«O Segredo do Subterrâneo da Loja»

«Os Comprimidos da Esperteza»

E muitas mais, que aqui não refiro para não vos tirar tempo.¹⁴

Mas não resisto a contar-vos só mais esta:

*

Estavam os nossos amigos no *Hall* de entrada da Mykro-Makro, à espera de serem recebidos pelo Dr. Andorinhas, quando se aperceberam de uma cena muito estranha:

A porta da rua, que era automática, não parava quieta, estando sempre a abrir e a fechar.

Ali mesmo ao pé dela estava precisamente o Dr. Andorinhas, que fora despedir-se de uma visita e acompanhá-la até à porta.

Tratava-se de um senhor alemão alto, magro e careca, um tal Müller, de quem havemos ainda de falar bastante em próximas oportunidades.

Mas a conversa estava a alongar-se demais, porque o Doutor Andorinhas gostava de mostrar que sabia falar alemão e nunca mais deixava o outro ir-se embora.

E tão obcecado estava que nem se apercebia de como a porta parecia maluca.

Mas a D. Carolina (que trabalhava ali na Recepção) viu o que se estava a passar e telefonou para os Serviços de Reparações para virem compor a avaria.

14 Nota da 2ª edição: Algumas histórias já estão disponíveis na Internet em www.janelanaweb.com/humormedina

A esse conjunto, que é o início da continuação do presente livro, deu-se o título provisório de «Novamente o Clube dos Inventores!»

E foi nessa altura que o Chico mostrou como a sua alcunha de Pouca-Tola era injusta:

Descobriu o mistério e comentou em voz alta:

— A porta não está nada avariada! Está é sempre a abrir e a fechar porque aquele senhor não pára quieto e está só a saltitar! Olhem para ele, ora numa perna, ora na outra! Se alguém lhe explicar que a casa de banho é ali por trás daquele armário, vão ver como se resolve logo o problema!

O homem, pelos vistos, ouvia bem e percebia um pouco de português:

— *Obrigadô, obrigadô!* - Gritou ele.

E desapareceu a correr, deixando o Dr. Andorinhas a falar sozinho...

OS COMPRIMIDOS DO CHICO

Por motivos que agora não interessam, já há algum tempo que não vos falo dos nossos três amigos.

Estive até à semana passada longe deles, mas agora voltei. E esse afastamento até foi bom pois, assim, em vez de uma ou duas histórias para vos contar, tenho uma boa mão-cheia delas!

A Rita, o Malaquias e o Chico lá continuam com o seu fabuloso “Clube dos Inventores”, e até já apareceram várias editoras a quererem publicar as suas aventuras, o que só ainda não aconteceu por falta de tempo.

Para mim, a maior novidade consistiu em saber que o Clube tinha aberto uma nova “frente de trabalho”, precisamente no ramo da Química!

Exactamente, leram bem: Química!

A coisa passou-se assim:

Numa das muitas visitas à empresa do Dr. Andorinhas os nossos amigos vieram a saber que iam ser deitados fora muitos produtos: ácidos, sais e solventes de todo o tipo. O problema era que não sabiam onde os despejar sem criar graves problemas de poluição.

— Ora aqui está, se calhar, um bom trabalho para vocês! – Comentara o Doutor – . Desembaraçarem-me destes produtos!

Nem fora preciso dizer mais!

O Chico – que, por acaso, até costuma ser o último a falar devido ao medo que tem de dizer asneiras – adiantou logo:

— Não há problemas! Eu resolvo isso!

Ficaram todos a olhar para ele, sem perceberem muito bem o que se estaria a passar naquela cabeça. Mas o Chico limitava-se a sorrir com um ar misterioso enquanto se dirigiam para a Cave Número 3 onde estavam guardados os frascos, as caixas e os sacos.

— Não é muito volume. Acho que numa viagem conseguimos levar tudo – . Limitou-se ele a comentar quando, depois de aberta a porta e acendida a luz, ficou à vista dos quatro o material em questão.

— Olha lá, ó Chico –, interpelou-o o Malaquias – não pensas levar isso para a nossa cave secreta, pois não?!

Mas o outro, tão interessado estava a ver os rótulos e as etiquetas, que

nem ouviu a pergunta! Em vez disso, e inesperadamente, saiu a correr porta-fora, gritando:

— Esperem por mim, que não demoro nada!

Julgo que imaginam a cara que os outros fizeram! Ficaram a olhar uns para os outros e foi o Dr. Andorinhas quem quebrou o silêncio:

— Vamos até lá acima, meus amigos. Seja o que for que o Chico tenha ido fazer, vai regressar. Mas pode demorar algum tempo. O melhor é esperarmos por ele lá em cima, junto à porta da entrada.

E, achando que se tratava de uma boa ideia, lá voltaram a subir pelo elevador e ficaram a conversar no *hall* principal.

Mas, ainda não se tinham passado cinco minutos, quando um estranho barulho lhes chamou a atenção. Assomaram à porta e, para seu máximo espanto, puderam ver, já muito perto, o nosso amigo Chico a empurrar um velho e desconjuntado carrinho de mão!

— Depressa, não nos podemos demorar muito! Tenho de devolver o carrinho aos senhores que andam a calcetar a rua ao pé do nosso Clube!

Eu só queria que vocês vissem a cara dos empregados da empresa do Dr. Andorinhas quando viram aquela carripana toda suja a atravessar as alcatifas e os corredores encerados perante o desespero da D. Rosa, a responsável pela limpeza!

Não é preciso contar muito mais, pois imagina-se facilmente o que sucedeu a seguir:

Todas as coisas de que o Dr. Andorinhas se queria ver livre foram metidas no carro e levadas para o “Clube dos Inventores”, não era muito longe dali.

E, enquanto o Chico foi devolver o carrinho de mão, o Malaquias e a Rita levaram para a cave, com grandes cuidados, os frascos, as caixas e os sacos.

— Aonde será que ele quer arrumar isto tudo?! – Perguntou a Rita, intrigada, olhando em volta.

— Isso é o mais fácil, pois temos ali aquele grande armário vazio. O que eu pergunto é o que ele quer fazer! Mas vamos esperar que chegue. Para já, vou-me sentar no sofá, a descansar!

Não tardou muito tempo até que o primo aparecesse.

Desceu rapidamente as escadas e colocou, em cima da mesinha que havia no meio da sala, um monte de livros!

— Comprei-os agora mesmo no alfarrabista ali da frente. São livros de Química, de Alquimia, de Matemática e de palavras cruzadas. A única excepção é este livrinho aqui...

E mostrou um livro de instruções de uma máquina de costura eléctrica!

— Para que é que precisamos disto?! – Exclamou o Malaquias, folheando-o, estupefacto.

O Clube dos Inventores

— O livro, em si, tem pouco interesse —. Foi a espantosa resposta — O que me chamou a atenção foi esse misterioso “CE” que está escrito em quase todas as páginas.

O Chico referia-se ao símbolo que é obrigatório colocar nos aparelhos electrodomésticos (e outros) para garantir que são fabricados segundo as normas de segurança necessárias. O Malaquias sabia isso e explicou-lho.

O Chico riu-se muito e desvendou o mistério:

— Pois eu fiquei a pensar e não descobri. Mas, de qualquer forma, esse “CE” deu-me uma grande ideia. Vocês passam o tempo a dar a entender que sou burro, não é verdade?

O Malaquias e a Rita ficaram calados, muito envergonhados. De facto era verdade... O primo até tinha a alcunha de “Chico-Pouca-Tola” devido ao facto de ser muito lento a perceber as coisas (mesmo as mais simples). Deixaram-no continuar:

— Pois agora é que vocês vão ver! Com estes livros e estes produtos vou fazer uma coisa revolucionária: dissolvo algumas páginas dos livros de Matemática e de palavras cruzadas em sumo de laranja. Teremos, então, uma mistura de vitaminas com inteligência. Depois deixo secar a pasta, e em seguida faço comprimidos com ela. Serão depois baptizados como “CE”, que quererá dizer “Comprimidos de Esperteza”!

QUE REMÉDIO...

Da última vez contei-vos que o Chico se propunha fazer umas pastilhas a que queria chamar “Comprimidos de Esperteza”. Lembram-se?

Bem... mas ele atirou-se aos livros de Matemática e de palavras cruzadas e, isso sim, parece que lhe desenvolveu bastante a inteligência!

E, a certa altura, talvez devido a algumas palavras cruzadas mais esquisitas, começou a pronunciar esta espantosa frase: «Podem passar a chamar-me o Chico-XPTO!»

E, como as pessoas não percebiam o que ele queria dizer, explicava, ufano:

— Há quem escreva Chico com “X”, não há? Então reparem que “Xico-Pouca-TOLA” pode dar origem à palavra XPTO, que significa “qualquer coisa MUITO BOA”! Além de que faz parte da palavra “eXPerTO”!

Os primos ficaram a olhá-lo, espantados, da primeira vez que ele se saiu com essa! De facto, tudo se passava como se ele tivesse tomado os tais comprimidos! E foi precisamente o Chico quem quis dar nas vistas, da vez seguinte em que o Clube dos Inventores foi chamado a actuar.

A história passou-se assim:

Estavam os nossos amigos reunidos no subterrâneo secreto a trocar ideias relativamente ao que deveria ser a próxima coisa a inventar, quando o ruído de uma acesa discussão os alertou:

No andar de cima, na loja, o tio discutia com alguém, e parecia muito zangado:

— Isto não é nenhuma drogaria! Isto é uma loja de tecnologia de ponta!

Não era normal haver tal burburinho por ali. Aliás, o sossego era até uma das características da loja, porque os clientes do Sr. Oliveira teimavam em não aparecer.

O Malaquias assomou ao alçapão e, pela porta entreaberta que dava para a loja, apercebeu-se de que o causador de tanto barulho era – quem havia de dizer! – o simpático Sr. Luís, o faz-tudo e homem-dos-mil-ofícios cujas aventuras eles adoravam ouvir!

Mas, aborrecido, o Sr. Luís saía, nesse momento, porta-fora!

Bem... a cena fora desagradável, e os nossos amigos, vendo o tio ainda furioso, evitaram perguntar-lhe o que se tinha passado.

Só que, pouco depois e ao saírem para almoçar, encontraram ali perto o Sr. Luís, de mãos nos bolsos e andando de um lado para o outro, dando pontapés em pedras que os calceteiros (os tais que ali trabalhavam) se esforçavam por recuperar para pôr no sítio!

E foi o Chico quem, aproximando-se dele com alguma timidez, lhe perguntou o que acontecera:

— O seu tio escusava de me ter respondido mal! Só lhe perguntei se tinha remédio para os ratos, nada mais! Era caso para se pôr aos gritos?!

E esclareceu que tinha a casa cheia de ratos e que recorrera ao amigo

Oliveira por ser a pessoa com quem costumava falar quando tinha problemas graves.

— Eu trato-lhe disso, Sr. Luís. Esteja aqui amanhã, a esta hora, que eu arranjo-lhe o que o senhor quer.

E o homem lá se foi embora, e nem parou na drogaria da esquina onde estavam anunciadas ratoeiras em saldo que decerto o satisfariam.

Entretanto, o Chico, voltando para junto dos primos, resolveu guardar segredo da conversa.

— Desde que inventaste os “Comprimidos da Esperteza” achas que podes fazer isso connosco?! – Atirou-lhe a Rita, mostrando-se bastante aborrecida –. Entre nós não pode haver segredos, muito menos se se trata de trabalho relacionado com o Clube dos Inventores!

O outro parou, coçou a ponta do nariz ficando a pensar no que havia de responder, e disse:

— Só vos peço paciência durante 24 horas. Talvez nem tanto. Trata-se de desenvolver um produto químico altamente secreto, que ainda não sei se dará resultado. Claro que vocês vão saber tudo. Mas, antes, preciso de me concentrar e fazer alguns testes sozinho. Será que vocês aceitam?

Embora a contragosto, os outros disseram que sim. E, durante a tarde e parte da manhã do dia seguinte, sofreram a bom sofrer vendo o Chico-XPTO (como ele agora se intitulava!) a fazer incríveis misturas com os seus fumegantes produtos químicos!

— Pronto. Só faltam aqui umas gotas de uma coisa que vou ter de comprar na farmácia.

E, sem explicar nada, subiu as escadas, atravessou a loja a correr, e voltou minutos depois com um misterioso frasco castanho! O maroto, para manter o mistério, deitara fora a caixa respectiva e até tirara o rótulo!

Depois de misturar tudo, obteve uma mistela malcheirosa que introduziu, com a ajuda de um funil, numa pequena garrafa. E, dando-se por satisfeito com o resultado, informou os primos:

— Pronto. Está na hora de ir entregar o produto ao Sr. Luís, que deve estar lá fora à minha espera!

E assim foi. Depois, regressando, sentou-se no sofá da cave secreta a descansar, satisfeito.

Os outros dois olhavam-no com ar interrogativo, e não pareciam dispostos a esperar muito mais por uma boa explicação.

Não vos vou já contar o que se passou, pois é preferível que tomem conhecimento do desvendar do mistério a partir do que em seguida se passou:

O Sr. Luís, passados alguns dias, entrou esbaforido pela porta da loja adentro:

— Onde é que está o maroto do Chico?! Ele tem de ver estes três atletas!

Trazia ele, então, e numa enorme gaiola de arame, três gigantescos ratos! Até aí, nada de especial. Por qualquer motivo ele resolvera recorrer aos métodos clássicos para completar (ou substituir) o produto que o Chico fizera.

Porque (o que era o mais certo) o produto não fizera nada e fora preciso usar ratoeiras das antigas.

O espantoso (e foi até o tio Oliveira quem chamou a atenção para o facto) é que os ratos tinham um aspecto muito feliz e saudável!

— Ó Chico –, comentou a Rita, rindo-se – que raio de veneno é que tu fabricaste?!

O Chico-XPTO abriu muito os olhos e a boca e gaguejou:

— Ve... veneno?! Mas o Sr. Luís fa... falou em REMÉDIO!

É DE MORTE!

Eu tenho de reconhecer que esta função de cronista do “Clube dos Inventores” é muito difícil. E espero que os leitores percebam essa dificuldade e me perdoem.

De facto, não consigo arranjar tempo para escrever o que deveria ser um livro de aventuras, com assaltos, mistérios, ladrões e coisas assim.

No entanto, desta vez, o que tenho para vos contar é uma boa aproximação, como vão ver.

O nosso amigo Oliveira nunca se preocupou muito em proteger a sua loja contra os gatunos. E tinha boas razões para isso:

Primeiro, ele é tão boa pessoa, que não compreende como é que pode haver quem o queira assaltar e, por isso, nunca pensou em pôr um alarme na porta.

Depois, o tempo tem-lhe dado razão, pois os larápios devem estar bem informados que o negócio vai mal e nem perdiam tempo com ele.

No entanto, nos últimos tempos, a situação alterou-se e houve uma grande novidade:

A loja foi, de facto e finalmente, arrombada!

Mas a maior novidade foi que os ladrões só levaram uma coisa:

Abriram a caixa registadora e levaram uma moeda de 100 escudos. Não havia lá mais nada, e o tio Oliveira, rindo, comentou:

— Coitados! Também aderiram, como eu, à “moeda única”!

Mas o certo é que as visitas continuaram, e foi preciso arranjar um bom cadeado no alçapão de acesso ao subterrâneo secreto do Clube dos Inventores. É que, no assalto seguinte, os marotos roubaram um frasco cheio dos tais Comprimidos de Esperteza que o Chico finalmente fabricara!

Só que, pelos vistos, embora os roubos não fossem muito proveitosos, não davam mostras de parar!

— Mas que ladrões pelintras! – Comentavam os nossos amigos - Uma vez levaram uma chave de parafusos... de outra vez, foi meio metro de arame... esta noite, levaram três pregos!

E tudo isso se passava independentemente das protecções que eles tomavam!

— Chega! Vou pregar-lhes um susto valente! – Declarou o Malaquias.

E, arranjando uma placa de “Perigo de Morte”, colou-a no vidro da porta, para que se visse bem do lado de fora, e amarrou um fio eléctrico só para fazer de conta.

— Pois –, comentou o tio Oliveira – essas coisas podem ser muito perigosas, e não queremos que morra aqui ninguém por causa de um parafuso ou dois! Seria uma desgraça!

Mas o certo é que o maroto do gatuno não se assustou (ou talvez não

soubesse ler!) e, alguns dias depois, lá tinha conseguido entrar novamente, roubando um frasco do famoso remédio para ratos!

Então, furioso, o Chico proclamou:

— Quem vai tratar de resolver isto sou eu!

E, procurando nas gavetas o material necessário, lá arranhou uma engenhoca que dava um pequeno choque inofensivo a quem tentasse arrombar a porta.

Depois, colocou um anúncio de “Perigo de Morte” ainda maior do que o outro e, por baixo, uma etiqueta a dizer:

SENHOR LADRÃO,
DESTA VEZ PODE MORRER MESMO!
FICA AVISADO!
DEPOIS NÃO SE QUEIXE!

UMA DATA DE PROBLEMAS!

Devem estar recordados de que, a certa altura, houve um carrinho de mão que foi muito útil aos nossos amigos.

Tratava-se de uma velha carripana desconjuntada e suja que estava a ser usada por uns calceteiros encarregados de arranjar o passeio em frente à loja do nosso amigo Oliveira.

Ora aconteceu que, quando o trabalho terminou, o chefe da obra se virou para o Chico, que estava ali perto, e lhe disse:

— Então? O carrinho, no outro dia, fez jeito, hein? Se quiseres podes ficar com ele, porque já arranjámos um novo.

O nosso amigo nem queria acreditar quando se viu proprietário daquela maravilha! Mas, ainda não lhe tinha sequer pegado quando o tio, que assistira a tudo da porta da loja, se aproximou, esfregando as mãos de contente:

— Ora aqui está uma coisa com que podemos ganhar bastante dinheiro! Pelo menos, poderemos fazer uma empresa de transportes manuais e personalizados! Uma coisa como dantes, quando não havia tantas modernices!

Sabendo que vai uma grande distância entre os planos do tio e a realidade, o Chico não se importou nada, e foi a correr contar a grande novidade aos primos. Quando a Rita e o Malaquias chegaram à porta tiveram uma incrível surpresa: o tio já estava a tratar de fazer o primeiro contrato!

Ali mesmo, estacionada frente à porta da loja, encontrava-se uma camioneta carregada de sinais de trânsito. E o motorista até já explicava o trabalho que, pelos vistos, o Oliveira se propunha fazer.

Aproximando-se, muito devagar, a Rita conseguiu ouvir o essencial. Dizia o homem:

— Ainda bem que posso contar com a sua ajuda, meu caro amigo! Temos então de ir até à Baixa e meter alguns destes sinais de “trânsito proibido” a substituir outros que lá estão. Venha daí. O seu carrinho-de-mão vai ser muito útil!

O Chico nem queria acreditar quando viu o tio, a suar mas sorridente, a meter o carro em cima da camioneta, com a ajuda do outro. E tão nervoso devia estar que subiu para a parte de trás e lá foi ele, feliz e contente, sem se despedir de ninguém!

Os nossos amigos ficaram muito intrigados, de tal maneira que resolveram, passado algum tempo, ir até à Baixa para verem ao vivo o tio (sempre tão cansado...) a trabalhar!

Mas passou-se uma coisa muito estranha:

Quando iam a entrar para o autocarro, o motorista avisou-os:

— Se é para irem para a Baixa, o melhor é a pé ou de metropolitano. Está por lá um pandemónio, um engarrafamento gigantesco!

Mas a Baixa também ficava a dez minutos a pé do Clube, pelo que os nossos amigos, em passo rápido, para lá se dirigiram. E o certo é que, ainda ao longe, já se ouvia um som infernal de buzinas, e podia-se ver uma fila de carros com centenas e centenas de metros cheios de automobilistas furiosos!

Quando chegaram ao coração de toda aquela barafunda, tentaram perceber o que se estaria a passar, e a sua primeira ideia foi procurarem o tio que devia andar por perto. Eles deviam imaginar que era ele, precisamente, um dos autores da confusão!

De facto, no meio das buzinas, ouvia-se o nosso homem a berrar para o da camioneta:

— Vá buscar mais! Vá buscar mais, que estes estão a acabar!

Acontecera o seguinte:

O nosso Oliveira já retirara inúmeros sinais de trânsito. Quer os que indicavam “paragem proibida”, quer os que indicavam “sentido obrigatório”... Enfim, TODOS! E, no seu lugar, diligentemente, colocara os tais sinais de “Trânsito proibido”!!

E agora estava um polícia a discutir com ele, furioso, mas ele, calmamente, só respondia:

— São ordens da Câmara Municipal de Lisboa, senhor guarda. Tenho indicações para retirar todos os sinais com a referência “950”. Logo por azar parece que são quase todos.

Nessa altura, precisamente quando os três primos se aproximaram, estava o condutor da camioneta a mostrar ao polícia o papel com as ordens que trazia.

O Malaquias, espreitando, percebeu tudo num instante:

As instruções mandavam retirar os sinais com o número 950.

Ora as letras CML, pintadas a branco em todos os sinais (e que também significam 950 em numeração romana), queriam apenas dizer... Câmara Municipal de Lisboa!

FIM (?)